B. N. L.
06 OUT. 1978
DEP. LEG.

Biblioteca Nacional
Serviço de Depósito Legal
Largo Biblioteca Pública
LISBOA - 2

2 ex.
B-69

PORTE PAGO

Semanário provincial

JORNAL do ALGARVE

FUNDADOR: JOSÉ BARÃO • DIRECTOR: ANTÓNIO BARÃO • DIRECTOR-ADJUNTO: JOSÉ MANUEL PEREIRA

ANO 22.º • SEXTA-FEIRA, 6 DE OUTUBRO DE 1978 • AVENÇA • N.º 1124

A MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO DE TODOS OS JORNAIS DO ALGARVE

PROPRIEDADE — V.ª e HERD.ª DE JOSÉ BARÃO • OFICINAS: EMPRESA LITOGRÁFICA DO SUL, S. A. R. L. — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DO BRASIL, 48 — VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO — TELEF. 254 • LISBOA — TELEF. 361839 • FARO — TELEF. 22322 • AVULSO 5$00

O PREÇO DAS FÉRIAS NO ALGARVE (3

DEPÕE CABRITA NETO

PRESIDENTE DA COMISSÃO REGIONAL DE TURISMO

por Teodomiro Neto

O PRESIDENTE da Comissão Regional de Turismo do Algarve, concedeu-nos uma entrevista com dia e hora marcados. Entrevista ponderada e reflectida, palavras contadas, nem mais nem menos para o fim a que se destinavam, em perguntas e respostas sobre o que interessa tanto ao País como maneira de angariar dinheiro para preservar crédito às compras exteriores, como para a mais singela algarvia que da mesma maneira dá contas, pensa, hesita, mas tem de, contra dinheiro, saldar na tolda do peixe, na banca do talho, no lugar das frutas e trazer para casa o cabaz do dia e a incerteza dos dias seguintes, para não falar doutros males maiores ou menores.

De todas essas situações e do esforço dos algarvios que «aguentam a carga», nos pareceu Cabrita Neto conhecedor.

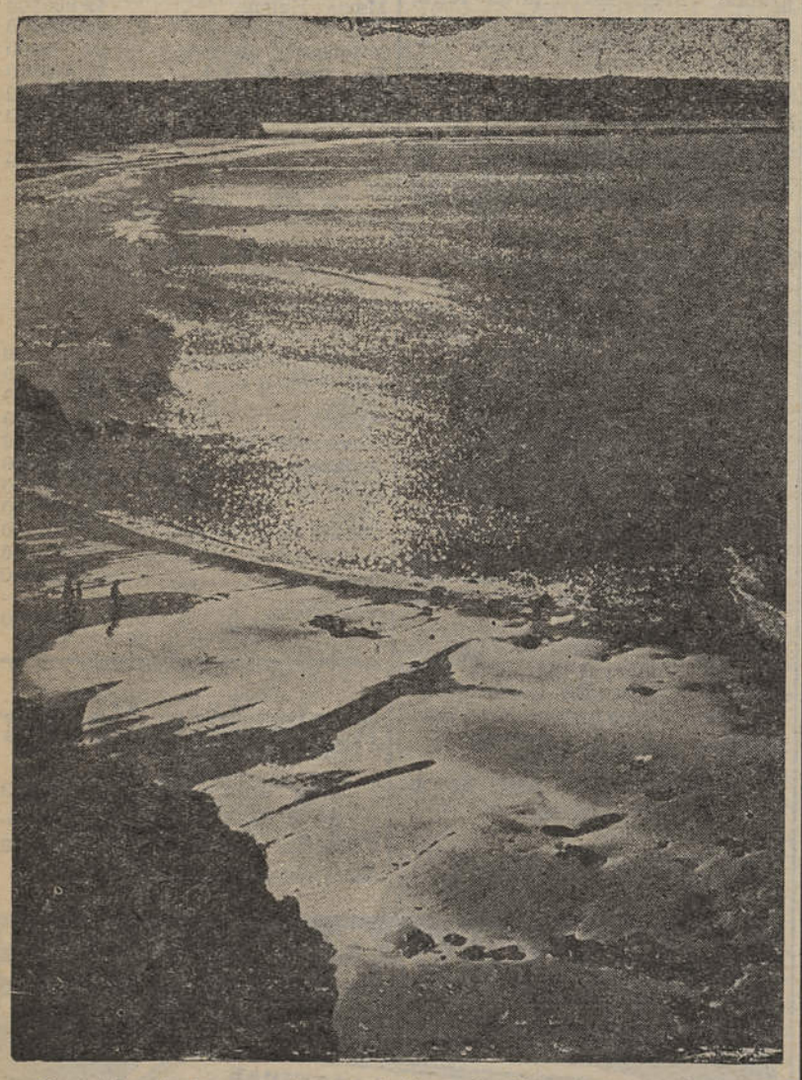
As suas citações de crítica à comodidade do desleixo de quem manda, são acentuadas na troca de impressões que nos dá:

- **Ainda não fomos capazes de explorar devidamente o sector turístico. Daí resulta que, à primeira vista, pareça que o Turismo é negativo para as populações locais.**
- **Milhões de contos em divisas têm entrado em Portugal via Turismo.**
- **Mais de 50% das camas turísticas encontram-se no Algarve.**
- **Para 1978, as dotações para infra-estruturas no distrito de Faro ficam em 15.º lugar em relação aos outros distritos de Portugal.**
- **O Algarve e as suas gentes deveriam ter uma contrapartida mais razoável da sua importantíssima actividade turística e dos sacrifícios que dela suportam.**
- **Dizem os responsáveis que o Turismo reduz substancialmente os nossos deficites na balança de pagamentos.**
- **As populações que nada recebem do Turismo, dá-se a possibilidade de assistir a espectáculos de certo nível artístico.**
- **A actividade turística no Algarve tem sido desenvolvida à base de iniciativas de várias entidades privadas.**

Pergunta: O Turismo que se iniciou em Portugal, num período conturbado da última guerra mundial, como turismo de asilo para uns quantos afortunados, na área restrita Estoril-Lisboa, tem tido, e como nos últimos dez anos, da intenção dos governantes, a caça à moeda dos respectivos países que nos visitam. Fora o alojamento, as condições de segurança das vidas e da saúde são praticamente as mesmas do início do Turismo — a nível regional — tanto para os que nos visitam, de que somos responsáveis anfitriões, como agravamento para as populações locais. Como pretendem as autoridades segurar o turista, que o sol ou as águas sulinas nem sempre dão incentivo de fidelidade à província e ao país visitado? E as populações que se encontram abandonadas?

Resposta: O Turismo é uma actividade que tem interessado cada vez mais todos os países do mundo, seja qual for

(Conclui na 3.ª página)



Que tal esta imagem de uma bela praia algarvia, como despedida de um Verão que se tem prolongado, magnífico, ao longo, de três meses? Mas o nosso propósito, ao apresentarmos a praia não é precisamente esse, e sim o de lembrarmos à Comissão Regional de Turismo que num cenário semelhante não deixaria de enquadrar-se bem um dos festivais com que de vez em quando nos brinda.

FACTOS E IMAGENS

PINTORES ANDALUZES

EXPÕEM EM FARO E ALBUFEIRA

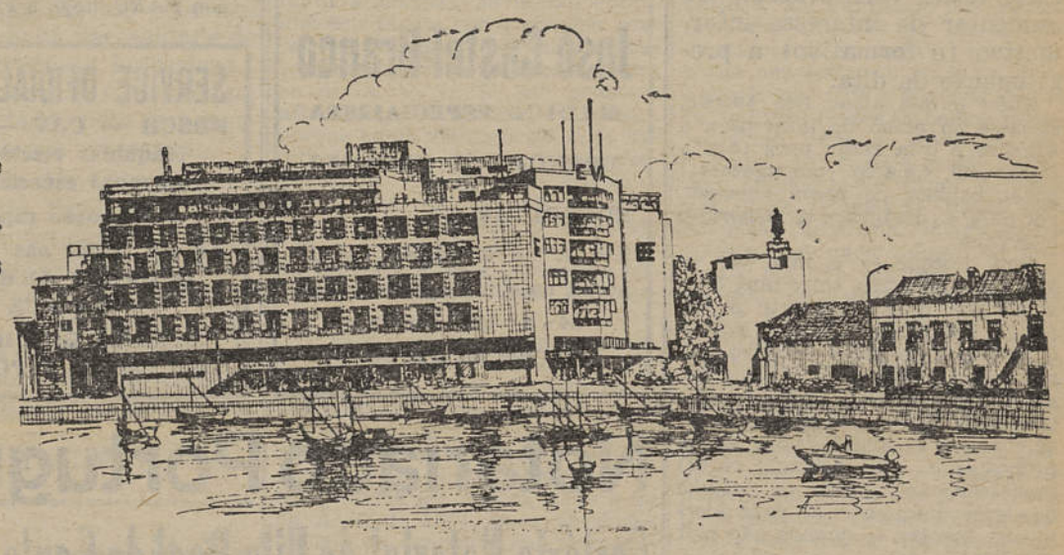
por Américo Alves de Sousa

O AMBIENTE artístico de Faro e de Albufeira, recebeu, por algumas semanas, o impacto das exposições ali realizadas por dois jovens pintores andaluzes, apostados em mostrar um ar da sua graça criativa às próximas regiões do outro lado do Guadiana.

Ambos da vizinha província de Huelva, não se lhes torna difícil captar afinidades de paisagens e costumes representativas quer do Algarve, quer da Andaluzia, com a vantagem de constituírem motivo de igual interesse para o algarvio como para o andaluz, afora para quantos, de outras latitudes, vivam um pouco o que se prende a assuntos e técnicas de arte e possam achar, na luminosidade das cores ou no vigor expressivo de alguns dos trabalhos referenciados, algo que mais os chame e lhes ofereça prazer.

Juan Manuel Nuñez, tem 28 anos e nasceu en La Palma del Condado.

(Conclui na 4.ª página)



Este expressivo desenho de J. M. Nuñez, patenteia-nos a «doca» de Faro, dominada pelo vulto maciço do Hotel Eva.

DO 5 DE OUTUBRO AO 25 DE ABRIL

por Ezequiel Ferreira

MAIS um ano vai decorrido sobre a patriótica jornada de 4 de Outubro de 1910 e da proclamação da República, no dia seguinte. São sessenta e oito anos que nos colocam à distância de uma vida dessa data inapagável da História de Portugal. Hoje, já poucos vivem, dos que participaram nesse grande acontecimento nacional — ou a ele apenas assistiram como testemunhas conscientes e interessadas no que se passava. Mas esses poucos ainda vivos — mais aqueles que faleceram nestes últimos quatro anos e meio — ainda tiveram a dita de reviver, com emoção revolucionária, esse dia glorioso do Outubro distante, e de revê-lo nessa outra grande jornada histórica que foi o 25 de Abril de 1974.

Ambas as datas referidas marcam bem o esforço e a decisão de arrancar Portugal do lodo político e social em que o tinham metido regimes ditatoriais cegos ao progresso e à honra da Pátria; e caracterizam bem a envergadura de um Povo, quase milenário, que sempre soube dizer «BASTA» quando sente ultrapassar as marcas o jugo que o oprime ou a servidão que o degrada. Foi assim em 1640, foi assim em 1820 e 1833; foi assim em 1910... Assim foi em 1974.

Em 4 de Outubro de 1910 (não

(Conclui na 4.ª página)

OS FAZEDORES DA FOME

OU COMO VAI, NO ALGARVE, O NEGÓCIO DOS FRUTOS SECOS

por Francisco Teodósio Neves

SABEMOS que todos têm que viver. Por isso, não vamos enjeitar a ideia de que comerciantes, produtores e consumidores não coexistam. Certamente alguém nos dirá que podíamos passar sem os intermediários, e nós apenas desejaríamos excluir desta cadeia os desonestos ou, para melhor dizer, os que fazem a fome.

Sabemos, também, que uma das maiores vocações dos portugueses de todos os tempos tem sido o mercadejar por todo o mundo, pois até a formação da nacionalidade foi negociada com o Santo Padre pelo nosso primeiro rei. Espalhados pela África e não só, todos voltaram arrastando consigo outros, que de Portugal só conheciam o nome, cujo mister era em grande parte comprar e vender.

Não vamos tratar da fome que muitos desejariam, resultante de não haver os produtos de primeira necessidade, mas daquela fome que conduz a tudo pela alta dos preços dos artigos. Nem só de pão vive o homem e, como tal, todos os produtos de que se compõe a alimentação humana são de primordial importância e deviam estar ao alcance não só de alguns, mas de todos, sem prejuízo na qualidade e quantidades mínimas necessárias.

Não concordamos de forma alguma com o roubo descarado ao produtor e consumidor nos preços praticados com frutos sazonais ou secos que a Natureza nos oferece com toda a sua generosidade, das

(Conclui na 4.ª página)

COMPADRIOS ADMINISTRATIVOS EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO?

por António do Rio

A VILA Pombalina, ou a Vila do Marquês, esta vila fronteiriça que, pelo traçado das suas ruas, merece a justa admiração de naturais e estrangeiros, que nos visitam especialmente nos calmosos meses de Verão, possui em si todas as possibilidades de ser não só das mais belas entre as vilas de igual

(Conclui na 3.ª página)

JORNAL do ALGARVE

A REVISTA «Rodoviária», de Lisboa, transcreveu o artigo que há semanas inserimos sob o título «Quando recomeçam as obras da estrada Lagos—Portimão», do nosso prezado colaborador Joaquim S. Piscarreta.

Também o diário «A Capital» transcreveu o artigo que há pouco publicámos com o título «Uma esperança que se fez realidade. Concluída a estrada entre Purgatório e os sítios de Matos de Baixo, Matos de Cima, Guiné e Gateiras, falta agora a sua ligação a Tunes», do nosso prezado colaborador Francisco Rodrigues Neto.

DENTRO E FORA DO PAÍS

VOLTARAM a tanger, durante vários dias, os sinos das igrejas do Algarve e do País; voltaram à meia-adriça, durante três dias as bandeiras dos edifícios públicos, assinalando o passamento do Papa João Paulo I, cujo pontificado, de 33 dias, ficou sendo o quinto mais pequeno na história da Igreja Católica.

Papa simples e sorridente, dispensando as pompas da coroação e da entronização, dirigindo-se directamente e não dogmaticamente às pessoas, João Paulo estava a evidenciar-se por uma personalidade «diferente» num meio sob muitos

(Conclui na 3.ª página)

Feira anual de Vila Real de Santo António

NA sequência das congéneres de Olhão e Tavira, decorre de 10 a 15 deste mês a feira anual de Vila Real de Santo António, que à Vila Pombalina costuma atrair gente de toda a Província e muitos milhares de espanhóis das vizinhas terras andaluzas.

A saúde é a maior riqueza

A GRIPE

A epidemia da gripe pode chegar de um momento para outro. Se ela aparecer tome precauções como se estivesse doente.

Ingira vitamina C e fuja das aglomerações. Os limões, as laranjas e os tomates crus são alimentos indicados porque contêm muita vitamina C. Não é de mais reforçar estas vitaminas com algum preparado farmacêutico que tenha também vitamina C.

Andar-Vende-se

Situado no melhor local da vila. 5 grandes casas assoalhadas—hall—corredor—2 casas de banho—despensa—duas grandes varandas. Bons acabamentos.

Trata: Hilderico Pires Telef: 497—Vila Real de Santo António.

CRÓNICA DE FARO

por Marcelino Viegas

Televisão... A longa espera

A RTP vai ter, nesta cidade, um **centro de produção.** É o que dizem as notícias. Que acrescentam tratar-se de um meio (óptimo) para que a região algarvia tenha, finalmente, a cobertura noticiosa que merece, via televisão. Ao mesmo tempo, todos os informes aludem à questão do 2.º canal que, para nós, continua a ser **tabú,** ou (que me desculpem) **chupeta para bebés...**

Um dia chegará, é evidente. Como dádiva (que desejo alheáda das condições políticas). Até porque a anunciada reestruturação daquela estação emissora a tanto obrigará. Ou por outra, os pagantes da taxa não se eximirão a reclamar o **canal 2** — uma vez que este, tendo **vida própria,** irá aumentar de interesse informativo (e formativo) a programação da dita.

Tudo o que atrás fica escrito, situa-se no plano do ideal para o Algarve e bem assim para toda a região sul, espaços (portugueses!) quase banidos do *écran nacional,* por obra e (des)graça da *geografia* televisiva.

Sim. Porque — a meu ver — longa é a distância entre uma televisão que queira cumprir o seu mais importante papel social, que «viva» no meio do povo, lhe mostre as misérias e carências, lhe aponte os caminhos do futuro, lhe transmita os erros do passado e lhe dê voz para as soluções por maioria propostas e... (a distância entre) uma televisão talhada, na *cozinha* de alguns, para entreter, para adormecer, bocejar — quando não pior que isso!...

Televisão dessas, temos que baste.

Daí a razão desta crónica — alerta. Faro terá *centro de produção* para a RTP. Que não seja (só!) para dar à gente a temperatura da água do mar a velocidade do vento, o entusiasmo no golfe, os «pinotes» dos cavalos nas corridas ou a «fortuna» na roda dos casinos...

Queremos (porque precisamos!) produção saída das praças, das hortas da serra. Do meio dos pescadores dos comerciantes, dos conserveiros...

Enfim: Televisão que nos sirva, sem se servir de nós como bilhete postal — que turista guarda para mostrar à família.

Então, pagaremos com menos desgosto a taxa, recompensados da longa espera, esquecidos das «promessas e dos enganos». Que, por ora, persistem. Inteiramente.

José Castel-Branco

MÉDICO ESPECIALISTA

DOENÇAS DO CORAÇÃO

CONSULTAS:

2.as, 4.as e 6.as feiras, às 15 horas, na Rua Baptista Lopes, 24 - 1.º Dt.º em Faro

Telefone 2 61 64

ENTREGAS IMEDIATAS

BOMBAS Submersíveis PLEUGER

MINASTELA, LDA

LISBOA - ESTRADA DE BENFICA, 394
PORTO - RUA DO BOLHÃO, 49-59

Ecos

Partidas e chegadas

Com sua esposa e filhinho está a férias em Monte Gordo, o sr. João António de Rosa Pinto, nosso assinante na Holanda.

= Com sua esposa está a férias em Vila Real de Santo António o sr. Floripes S. Cardoso, nosso assinante na Alemanha.

= Esteve a férias em Vila Real de Santo António, acompanhado de sua esposa o sr. Vital Guerreiro Ferreira, nosso assinante na Alemanha.

= Com sua esposa está a férias em Vila Real de Santo António o sr. António da Costa Mercês, nosso assinante em Lisboa.

= Esteve em Vila Real de Santo António e na nossa Redacção o sr. Eduardo Faustino, nosso assinante na Madeira.

Gente nova

Em Colónia (Alemanha), deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª D. Maria Floripes A. Cardoso Zulaica, esposa do sr. Roman Zulaica. A menina, que recebeu o nome de Amaia Zulaica Cardoso, é neta materna da sr.ª D. Felícia Alberto Cardoso e do sr. Floripes S. Cardoso e paterna, da sr.ª D. A. Azpeitia e do sr. Pelayo Zulaica.

Farmácias

DE SERVIÇO

Em *ALBUFEIRA,* hoje, a Farmácia Alves de Sousa; e até quinta-feira, a Farmácia Piedade.

Em *FARO,* hoje, a Farmácia Higiene; amanhã, Graça Mira; domingo, Pereira Gago; segunda-feira, Pontes Sequeira; terça, Baptista; quarta, Oliveira Bomba e quinta-feira, Alexandre.

Em *LAGOS,* hoje, a Farmácia Lacobrigense; amanhã, Silva; domingo, Neves; segunda-feira, Ribeiro Lopes; terça, Lacobrigense; quarta, Silva e quinta-feira, Neves.

Em *LOULÉ,* hoje, a Farmácia Pinheiro; amanhã, Pinto; domingo, Avenida; segunda-feira, Madeira; terça Chagas; quarta, Pinheiro e quinta-feira, Pinto.

Em *OLHÃO,* hoje, a Farmácia Progresso; amanhã, Olhanense; domingo, Ferro; segunda-feira, Rocha; terça, Pacheco; quarta, Progresso e quinta-feira, Olhanense.

Em *PORTIMÃO,* hoje, a Farmácia Moderna; amanhã Carvalho; domingo, Amparo; segunda-feira, Dias; terça, Central; quarta-Oliveira Furtado e quinta-feira, Moderna.

Em *TAVIRA,* hoje, a Farmácia Central; amanhã, Franco; domingo, Sousa; segunda-feira, Montepio; terça, Aboim; quarta, Central e quinta-feira, Franco.

Em *VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO,* hoje, a Farmácia Carrilho; e até quinta-feira, a Farmácia Carmo.

SERVICE OFICIAL DIESEL

BOSCH — CAV — SIMMS

Máquinas electrónicas

Pessoal especializado

Execução rápida

Ao seu dispor nas OFICINAS ARMANDO DA LUZ

ZONA DO DIQUE

Telef. 23121/2 — PORTIMÃO

Notariado Português

Cartório Notarial de Vila Real de Santo António

Certifico, para efeitos de publicação que, por escritura outorgada em 4 de Agosto de 1978, lavrada de fls 67 V.º a 69 do livro de notas para escrituras diversas n.º B 118 deste Cartório, foi constituída entre Renato José Rodrigues de Oliveira e José Manuel Neto Cristo, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que será regida pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes:

Art.º 1.º — A sociedade adopta a firma «Rodrigues & Cristo, Lda.». tem a sua sede no sítio da Bornacha, freguesia de Vila Nova de Cacela, concelho de Vila Real de Santo António, e durará por tempo indeterminado com início na presente data.

Art.º 2.º — O seu objecto é o exercício do comércio de «Hotelaria e similares (Bar)», podendo, ainda, dedicar-se a qualquer outra actividade comercial em que os sócios acordem.

Art.º 3.º — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, é de 100 000$00 e corresponde à soma de duas quotas de 50 000$00 cada uma, subscritas, cada uma delas, por cada um dos sócios.

Art.º 4.º — A cessão, total ou parcial, de quotas entre os sócios e seus herdeiros, é livremente permitida, mas a cessão a estranhos fica dependente da autorização da sociedade.

Art.º 5.º — É dispensada a autorização especial da sociedade para a divisão de quotas, no caso de cessão entre os sócios ou no de sucessão entre herdeiros de sócios.

Art.º 6.º — A gerência da sociedade, bem como a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, fica a cargo de ambos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes, sem caução e com retribuição ou sem ela, conforme for deliberado em assembleia geral.

§ 1.º — Para que a sociedade fique validamente obrigada é necessária a assinatura, com a firma social, dos dois gerentes.

§ 2.º — Qualquer gerente poderá delegar os seus poderes de gerência por meio de procuração, mesmo em pessoa estranha à sociedade.

Art.º 7.º — As assembleias gerais serão convocadas, por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios, com a antecedência mínima de oito dias.

Está conforme.

Cartório Notarial de Vila Real de Santo António, vinte e oito de Setembro de mil novecentos e setenta e oito.

O Ajudante,

Manuel Clemente

Talho

Ou outro ramo com ou sem máquinas, trespasso em Tavira — Rua Almirante Cândido dos Reis, 49.

AGENDA

Televisão

Algumas rubricas que poderá ver no 1.º Programa:

Hoje, às 19,30 horas, «Domínio»; 21,35, «O caminho das estrelas».

Amanhã, às 18 horas, «Uma casa na pradaria»; 19, «Jogos sem barreiras»; 20, Animação; 20,30, Tropicália; 21,35, 44.ª gala da União dos Artistas Franceses (1.ª parte); 22,40, «As envenenadoras», (Sábado especial).

Domingo, às 16,55 horas, TV rural; 17,30, reportagem do exterior; 19,30, Concerto Promenade — Sinfonia n.º 32, de Mozart e Sinfonia n.º 4 de Shostakovich; 21,35, Festa da música; 22, «Homem rico, homem pobre».

Segunda-feira, às 21,05 horas, «Solidão»; 22,10, Charles Aznavour.

Terça-feira, às 22 horas, «Crime por bem».

Quarta-feira, às 21,05 horas, «Bovard e Pecuchet» (2.ª parte); 22,30, Contos tradicionais portugueses — «O viajante».

Quinta-feira, às 21,05, horas, «O homem de Londres».

Cinemas

Em *ALBUFEIRA,* no Cine-Pax, hoje, «Uma mulher para dois homens»; amanhã, «Golpes mortais»; domingo, «O sexto continente»; terça-feira, «Tempo de assassinos»; quarta-feira, «O mundo do Oeste»; quinta-feira, «O rapto de Patrícia».

Em *FARO,* no Cinema Santo António, hoje, e amanhã, em matinée e soirée, «Cassandra Crossing»; domingo, em matinée e soirée, «Um dia de cão»; quarta-feira, «A enfermeira de meu pai»; quinta-feira, «A caminho da felicidade».

Em *LAGOS,* no Teatro Cinema Império, hoje, «Justine de Sade»; amanhã, «Ave de rapina»; domingo, «Um momento, uma vida»; terça-feira, «Mulheres e recrutas»; quarta-feira, «Tempo de assassinos»; quinta-feira, «Encruzilhada para uma freira».

Em *LOULÉ,* no Cine-Teatro Louletano, amanhã, «Fuga no espaço»; domingo, «Os enamorados»; terça-feira, «Os super polícias»; quinta-feira, «Ângela».

Em *PORTIMÃO,* no Cine Teatro, hoje, «Ave de rapina»; amanhã, «Um dia inesquecível»; domingo, em matinée e soirée, «O justiceiro da noite»; segunda-feira, «O último tango em Acapulco»; terça-feira, «O bando de Tiong»; quarta-feira, «Mulheres e recrutas»; quinta-feira, «Loucuras burguesas».

Em *S. BARTOLOMEU DE MESSINES,* no Cine Teatro João de Deus, hoje, «Luxúria»; amanhã, «A liceal»; domingo, «Sopro no coração»; quinta-feira, «E no fim chamaram-lhe Jerusalém, o implacável».

Em *SILVES,* no Cine-Teatro Silvense, hoje, «A vingança dum homem chamado cavalo»; amanhã, «Meu nome é Texas Bill»; domingo, em matinée e soirée, «O regresso do inspector Martelada»; terça-feira, «Dias tranquilos em Clichy»; quinta-feira, «Annie Hall».

Em *VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO,* no Cine-Foz, amanhã, «A história de O»; domingo, «O grande magnate»; terça-feira, «Dartagnan contra os 3 mosqueteiros»; quinta-feira, «Capas Negras».

Necrologia

Salvador Gomes Vilarinho

Em Armação de Pêra, onde residia, faleceu o sr. Salvador Gomes Vilarinho, de 74 anos, natural de Silves. Deixa viúva a sr.ª D. Maria Carlota Guedes de Andrade e era pai da sr.ª D. Maria Clotilde Vilarinho Figueira Santos, casada com o sr. João Mascarenhas Figueira Santos; D. Maria Margarida Vilarinho e D. Maria Teresa Vilarinho Leitão, casada com o sr. eng. José Maria Durão Leitão e do sr. eng. José Aníbal Vilarinho, casado com a sr.ª D. Maria José Oliva Vilarinho.

Foi presidente, durante 8 anos, da Câmara Municipal de Silves e 4 anos da de Portimão. O funeral seguiu para Silves onde o corpo ficou sepultado em jazigo de família.

D. Maria do Carmo Leite Serrão Marreiros

Em Lisboa, faleceu a sr.ª D. Maria do Carmo Leite Serrão Marreiros, de 79 anos, natural de Algoz, viúva do dr. José Paulo Barbosa Serrão Marreiros. Era mãe das sr.as D. Maria do Carmo Leite Marreiros Homem Temudo, casada com o sr. dr. Manuel Homem de Oliveira Temudo; D. Maria da Graça Leite Marreiros Caseiro Alves, casada com o sr. Belmiro Ernesto Duarte Silva Caseiro Alves, e dos srs. dr. Vítor Manuel Leite Marreiros, casado com a sr.ª D. Maria de Lurdes Mascarenhas Leite Marreiros, e dr. António José Leite Marreiros, já falecido, e sogra da sr.ª D. Maria Eduarda Lisboa Leite Marreiros.

D. Maria Eulália Nogueira Faísca Estevéns

Em Castro Marim faleceu a sr.ª D. Maria Eulália Nogueira Faísca Estevéns, de 77 anos, viúva do antigo comerciante António da Costa Estevéns. Era irmã do sr. Manuel Nogueira Faísca, casado com a sr.ª D. Angelina Gusmão Mendonça Nogueira Faísca, tia das sr.as D. Maria Helena Gusmão Nogueira Faísca, D. Angelina Gusmão Nogueira Faísca e dos srs. José Marciano Gusmão Nogueira Faísca, Otílio Pires Nogueira Faísca e Reinaldo Manuel Pires Nogueira Faísca.

Dr. Júlio Castelo Branco

Faleceu em Portimão o sr.dr. Júlio de Sousa Neves Castelo Branco, de 69 anos, funcionário aposentado do Instituto Nacional de Estatística. Deixa viúva a sr.ª D. Silvina Freitas dos Santos Castelo Branco e era pai das sr.as D. Maria Júlia Santos Castelo Branco e D. Maria da Graça Santos Castelo Branco; sogro dos srs. eng. José António Lopes do Rosário Cunha e dr. Luís Filipe de Castro Mendes, e avô da menina Maria Sofia e dos meninos João Filipe, Pedro Luís e José Júlio Castelo Branco Cunha.

Lotas

De 23 a 29 de Setembro

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO

TRAINEIRAS:

Lestia	286 970$00
Aurora Maria	152 900$00
Pérola do Guadiana	104 900$00
Mira Mar	104 900$00
Maria Helena	49 900$00
Sul	44 000$00
Alecrim	24 900$00
Princesa do Sul	22 800$00
Caju	4 600$00
Norte	4 000$00
Total	832 570$00

De 20 a 27 de Setembro

OLHÃO

TRAINEIRAS:

Estrela do Sul	54 300$00
Prateada	48 000$00
Arda	40 000$00
Audaz	29 400$00
Nova Sr.ª Piedade	25 400$00
Amazona	23 800$00
Liberta	22 400$00
Caju	22 000$00
Cidade de Benguela	19 400$00
Costa Azul	15 700$00
Alecrim	6 300$00
Total	306 700$00

Aspiradores Hoover

Peça uma demonstração a Neto & Martins — Rua Alm. Cândido dos Reis, 65 — Vila Real de Santo António.

Corrigir as deformações dos pés

As deformações dos pés, por vezes tão pouco evidentes, podem ser no entanto responsáveis pela extrema fadiga e incómodo doloroso das pernas e dos pés. Em especial nas crianças, geram graves consequências para o seu desenvolvimento normal e mais tarde, pelo seu agravamento são responsáveis por gravíssimos inconvenientes.

No entanto, podem ser corrigidas por palmilhas medicinais e calçado ortopédico individualizado desde que confeccionadas correcta e rigorosamente sob medida, em observância à prescrição do médico e regularmente comprovadas sob sua orientação.

Em apoio à Ex.ma Classe Médica, o Instituto Huberto de Portugal, está meticulosamente preparado para assegurar a execução escrupulosa das suas prescrições.

Os nossos Técnicos estão ao vosso dispor, faça pois a sua marcação para ser atendido em: VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO, na Farmácia CARMO, para o dia 10 de Outubro todo o dia, em FARO, na Farmácia BAPTISTA, para o dia 11 de Outubro todo o dia, em PORTIMÃO, na Farmácia ROSA NUNES, para o dia 12 de Outubro todo o dia, na QUARTEIRA, na Farmácia dos SERVIÇOS MÉDICO SOCIAIS, para o dia 13 de Outubro de manhã ou em Loulé na Farmácia PINTO, para o dia 13 de Outubro de tarde.

Vende-se

Terreno para construir na Bela Fria e armazéns e trespassa-se ou vende-se casa de habitação, no mesmo local.

Tratar com José Pereira Rodrigues, Largo do Cano, 11 – Tavira, ou telef. 2 22 35.

CONSERVAS DE PEIXE

SAIAS, IRMÃOS & CIA., LDA.
Casa fundada em 1926
OLHÃO PORTUGAL

O preço das férias no Algarve

(Conclusão da 1.ª página)

o seu regime político, social ou económico. Note-se o esforço promocional que qualquer desses países faz em promover o seu Turismo e arrecadar as divisas que ele proporciona. Sendo Portugal um país pobre ou, pelo menos, não devidamente explorado em recursos materiais, parece-me que tendo o país condições magníficas e, quase únicas, em alguns sectores, para a prática do Turismo, seria pena não se tentar explorar essa actividade económica, mais propriamente no Algarve. Seria até ridículo que se o não fizesse, pois as nossas condições naturais e climatéricas são ímpares nesta zona do Globo.

Na realidade verifica-se que nós, portugueses, ainda não fomos capazes de explorar devidamente o sector turístico e, comparando com outras regiões, podemo-nos considerar uns autênticos principiantes. Daí resulta que à primeira vista pareça que o turismo é negativo para as populações locais, pois como ainda não dotámos esta região de infra-estruturas à altura da nossa capacidade, as estruturas existentes são insuficientes e os aspectos mais negativos recaem presentemente na população local.

Concretizando, posso afirmar que a actividade turística no Algarve tem sido desenvolvida à base de iniciativas de várias entidades privadas, com uma coordenação deficiente, em que o Estado não tem acompanhado com investimentos e estruturas, nomeadamente saneamento básico, saúde, electricidade, comunicações rodoviárias, etc.

Os milhões de contos em divisas que têm entrado em Portugal, via Turismo, não têm dado ao Algarve, que é a principal zona turística do país — mais de 50% das camas turísticas encontram-se no Algarve — a contrapartida que seria justo e razoável receber. Posso ainda afirmar que, para 1978, as dotações para infra-estruturas, no distrito de Faro, ficam em 15.º lugar em relação a outros distritos de Portugal. Com todo o respeito que os outros distritos merecem, parece-me que o Algarve e as suas gentes deveriam ter uma contrapartida mais razoável da sua importantíssima actividade turística e dos sacrifícios que dela suportam.

P.: Na população há um desencanto e um mal-estar derivado à carestia da vida — sobretudo no Algarve — onde o custo de vida da maioria das populações vem do orçamento estabelecido pelos ordenados fixos, os preços flutuam e são cada vez mais incompatíveis.

Generaliza-se, além de outros factores, o Turismo com culpa maior, em que hotéis e restaurantes de luxo pagam ao preço das donas de casa.

R.: Não há estudos precisos sobre o número de pessoas que dependem directa ou indirectamente da actividade turística do Algarve, mas estou convencido que não errarei se disser que metade da população tem algo que ver com o Turismo. Isso notou-se precisamente na crise de 1975/76 quando houve grave queda de afluxos de turistas estrangeiros para a nossa região.

Parece-me que o turismo — pelo menos, dizem os responsáveis — que é primordial para este país, pois reduz substancialmente os nossos déficites na balança de pagamentos, o que será certamente bem importante para uma região onde se gere metade desses réditos para Portugal.

Os portugueses têm hábitos de alimentação que criam maus hábitos a certos indivíduos. Quando tivermos um serviço normal e suficiente de frio, as coisas modificar-se-ão. O que é necessário *(nós, os algarvios, daqui votamos)*, é que os responsáveis por este país activem uma política necessária e de investimentos para que possamos, todos, colher mais e melhor, e não sofrer somente os aspectos negativos da actividade turística.

Sinceramente, acredito numa política de aspecto positivo para o Turismo no Algarve, pois, caso contrário, não estaria a desempenhar este cargo. Que o Turismo é importante para o Algarve e para Portugal. Mas há, repito, que criar estruturas, a fim de minorar os aspectos negativos da actividade.

P.: Podemos considerar as verbas que a Comissão de Turismo concede ao incremento cultural e desportivo em duas alíneas:

a) Subsídios à formação cultural e desportiva a nível regional e nacional, ou seja em benefício da juventude e populações.

b) Dispêndio altamente custoso de festivais para estrangeiros. Festivais musicais de alto nível cultural — que na maioria das vezes se perdem pela ausência de espectadores — e que os nacionais desconhecem pela deformação cultural em que se encontram.

R.: Naturalmente, nos sectores de animação e cultura, é nossa função animar os turistas e daí dar às populações que nada recebem do turismo, a possibilidade de assistir a espectáculos de certo nível artístico, a possibilidade que não teriam se não fosse o apoio do Turismo.

As nossas iniciativas são praticamente todas gratuitas e é pena, mas isso não é nossa culpa, que não haja mais algarvios a assistir aos nossos espectáculos e a usufruir dos dispêndios que são feitos na sua realização.

Além das grandes iniciativas, como o «cross das amendoeiras em flor», festival Verão musical, música e ballet, festival de folclore, festival de Teatro Amador dos Trabalhadores (a iniciar em Novembro próximo), festival de cerveja, etc., etc., a Comissão Regional de Turismo subsidia em todo o Algarve dezenas ou mesmo centenas de festas locais que poderão não ter alto interesse turístico, mas têm muito interesse para as populações locais.

Muito há a fazer neste sector, considerando que só há dois anos é que vimos organizando e realizando um programa com uma certa estrutura, convictos de que somos capazes de continuar a vir melhorando as nossas iniciativas de animação, a fim de justificar as verbas despendidas neste sector.

P.: Desde que Cabrita Neto chefia a Comissão Regional de Turismo do Algarve, a nossa Província é porta aberta todo o ano em iniciativas de oportunismo climatérico de carácter cultural e desportivo.

Diga-nos, a sua meta prevalece Lagos-Monte Gordo, ou pretende «desbravar» matos de Alcoutim a Monchique? O que pensa ou não pensa do Turismo social?

R.: Respondo à segunda pergunta, primeiro: O Algarve não suporta o afluxo turístico nos meses de Julho e Agosto. Na hotelaria, é um saturamento incalculável; os trabalhadores não dão mãos a medir, enfim, é extenuante.

Nós queremos que os portugueses venham passar as suas férias no Algarve e por isso mesmo estamos trabalhando dentro do condicionalismo que temos à mão para oferecer férias a todos os portugueses mais baratas, mas acessíveis. Para isso, terá de haver um acordo entre as partes.

Nós estamos interessados, também, em desenvolver o turismo todo o ano e não só Julho, Agosto e Setembro. E também que esse turismo não beneficie somente a zona costeira de Monte Gordo a Sagres, mas também o interior.

Temos que ser realistas e, certamente, não vamos pensar em construir ou desenvolver o turismo de permanência no interior do Algarve. Mas há regiões, como as Caldas de Monchique, em que isso é possível e necessário, pois é uma zona com condições excelentes para que possamos ter aí turismo todo o ano e residentes.

Nas outras regiões do interior, terá de haver um esforço e dotá-las de estruturas para turismo de visita, o que já acontece em Silves, pelo seu castelo, mas há necessidade de outras estruturas hoteleiras.

Loulé também é uma zona muito visitada, pelo seu mercado e pelo seu artesanato.

O caso de Alcoutim, que citou, poderia também ser explorado turisticamente, para passeios, através do rio Guadiana, que poderiam culminar nessa vila de tradições históricas; mas ainda não existe lá um mínimo de condições para se desenvolver cabalmente essa vila.

Teodomiro Neto

Dentro e fora do País

(Conclusão da 1.ª página)

aspecto conservador como é o da Igreja. Seria curiosa de seguir a sua trajectória, quer política, quer social, se a morte, tão abruptamente, lhe não tem cortado as asas.

Decerto assinalada, no conclave que recentemente elegera João Paulo, a personalidade número dois, para dirigir os destinos espirituais dos 700 milhões de católicos, não irá ser difícil a nova eleição e com ela o breve conhecimento de quem sucederá a João Paulo I como responsável pela Santa Sé.

* * *

Em San Diego (Califórnia), deu-se o maior desastre de sempre na história da aviação norte-americana: um Boeing 127, que se preparava para aterrar, foi «tocado» por uma minúscula avioneta Cessna 127, morrendo pelo menos 150 pessoas, entre passageiros, tripulantes e gente atingida no solo pelos destroços.

Para além da extensão do acidente, há a assinalar que o aeroporto de San Diego é tido como dos mais perigosos do Mundo, por se situar muito dentro da cidade, devendo ter, no que respeita à «pressão» do ruído dos aviões sobre a respectiva população, certas analogias com o de Faro.

F. Gomes

Comunicado

O Stand Avenida — Loulé, comunica aos Exmos. Senhores clientes e amigos, que foi nomeado Agente Oficial para o Algarve das carrinhas marca ISUZU, importadas pela Firma RODOVIL — Porto.

Doravante toda a Assistência Técnica e venda de peças passa a ser efectuada no Stand Avenida — Loulé — Telef. 62482.

Compadrios administrativos em Vila Real de Santo António?

(Conclusão da 1.ª página)

quilate populacional do nosso País, mas, também, muitas outras com que a própria natureza a dotou e os homens nem sempre têm sabido aproveitar como deviam.

Assistimos, por simples acaso, há cerca de dois meses, a uma sessão pública da edilidade vila-realense. Todos os vereadores estavam presentes. Três do P. S., que detém a presidência; três da A. P. U. e um do PPD/PSD. Da apreciação, discussão e aprovação (ou não aprovação) das propostas de alguns vereadores e da petição de diversos munícipes, ficámos com a impressão (e porque não certeza?) que, entre toda a parte deliberativa dos membros que compõem a Câmara Municipal, havia um entendimento tácito, como que um conluio — ocasional? — entre os outros membros da vereação contra os da A. P. U. E isto podemos afirmá-lo, sem dúvidas ou receios, porque havia várias dezenas de habitantes dessa vila e de sua freguesia de Vila Nova de Cacela a testemunhar quanto ali foi dito, discutido e passado, lá ao fundo (ou à cabeceira, como queiram) da confortável sala de sessões públicas da municipalidade vila-realense.

A cada proposta de um elemento da A. P. U., sobre qualquer pelouro a seu cargo, a outra parte contrapunha a sua oposição (suas razões?) através de um dos seus mais espertos elementos, de tal forma (com impressionantes V. Ex.as caídos em desuso, após o 25 de Abril de 1974, para entidades oficiais da categoria dos presidentes de qualquer municipalidade) que a balança pendia, no acto da votação, invariavelmente para esse seu lado, pelo peso do voto do terceiro partido de que a Câmara Municipal se compõe.

E além de assistirmos a (injustificadas justificações acerca de certos factos, como sejam os da demolição de prédios, (uma delas autorizada arbitrariamente por um só elemento do elenco administrativo que acidentalmente substituía o presidente) que eram património da vila, por serem dos que estavam incluídos na área defendida à destruição, em vista de terem constituído das primeiras edificações da vila e estarem adentro do perímetro que poderia — poderá — ser chamado de «intocável» à demolição, chegou-se ao cúmulo do «partidarismo» (esquecendo-se os reais interesses dos habitantes da vila, os que com seus votos os elegeram para tais lugares com o fim de melhor os defenderem no seu quotidiano), ao protelar-se a decisão acerca de uma proposta, urgente e necessária, de um dos membros camarários representando a A. P. U., na qual pedia se começassem sem mais demora os trabalhos de esgotos, por se encontrarem avariados e representarem um perigo para a saúde pública, não só dos naturais da vila como dos milhares de pessoas aqui estacionando durante a época balnear, como turistas e campistas.

Ora, como nas anteriores votações, venceu a contraproposta do mais destacado membro do P. S., que pedia para que baixasse para análise, discussão e ulterior decisão, essa proposta de reparação dos esgotos, que a todos os presentes (menos, naturalmente, aos quatro membros situados na ala direita da cabeceira da mesa) parecia da maior necessidade e urgência, dado o perigo que toda e qualquer demora no início desses trabalhos representávam para a saúde pública.

Houve, até, finda a sessão, quando o público podia dispor da palavra, quem protestasse contra essa resolução camarária, embora sabendo-se que de nada valiam tais protestos, por não poderem ter interferência deliberativa, no que se estava passando numa sessão camarária em que, acima de simpatias e partidarismos, estava — estão — em jogo os interesses não só da localidade como, essencialmente, da sua população laboriosa e, também, durante a época balnear, os de milhares e milhares de pessoas que dão a sua preferência, para passarem as suas férias grandes, a esta bonita vila fronteiriça, que é Vila Real de Santo António.

25-9-78. *António do Rio*

Barco de pesca

VENDE-SE

Acoplado com motor de 35 HP — 8m comprimento, estado novo.

Tratar pelo telef. 522 de — Vila Real de Santo António.

Alvará empreiteiro

Engenheiro Civil oferece-se. Resposta a: R. Mousinho Albuquerque N.º 12 — Faro.

Vende-se

Barco modelo Finnark em fibra, com 5 m de comprimento e 2 m de largura, acoplado com motor Jonhson 40 HP e uma roullot para transporte do mesmo, em estado novo.

Tratar pelo telefone 522 de Vila Real de Santo António.

EDIFÍCIO SANTO ANTÓNIO

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

★ Mais 40 fogos de 3 e 4 assoalhadas e 2 lojas num edifício de 11 pisos, estão a ser concluídos pela Empresa de Construções Símbolo, Lda. junto à Praça de Touros.

★ Se reside em Vila Real de Santo António adquira o seu próprio andar e habite num dos mais modernos edifícios da vila.

★ Se pretende um bom investimento As características deste edifício garantem-lhe:

★ Qualidade
★ Valorização
★ Rendimento
★ Ocupação e rendimento

Peça-nos informações:

Status

— VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
EDIFÍCIO SANTO ANTÓNIO
— LISBOA
Av. Colubano Bordalo Pinheiro, 74 8.
Telefones 778100/778540

SISTEMA VIAGENS EXCURSÕES CRUZEIROS
paneuropa
Lisboa - Braamcamp,11
Porto - Sta.Catarina,661
Olhão - Av.República,73
AGORA EM olhão
Peça informações pelos telefones 563401 (LISBOA) - 312544 (PORTO) 73333 (OLHÃO)

Sérgio Farrajota Ramos
Médico dermatovenereologista
Professor agregado de Medicina Interna
DOENÇAS DA PELE E VENÉREAS
Consultório e Residência:
Rua Transversal à Av.ª 25 de Abril — Lote 9/10 r/c B
Telefone 23398 — Portimão
Consultas a partir das 17 h.

FIRESTONE
PNEUS
TAVIRA: Rua D. Marcelino Franco, 45
e Pr. Zacarias Guerreiro, 3-A
COM ALINHAMENTO DE DIRECÇÕES

CENTRO TECNICO DE CONTABILIDADE
Direcção de FELISBERTO CORREIA
CTC Contabilidades
ESTUDO, MONTAGEM E EXECUÇÃO DE CONTABILIDADES
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
«SERVICE-BUREAU»
Largo D. João II, 36-1.º
Telefone 23643
PORTIMÃO
Delegação em Lisboa
Trata de: Legalização de Sociedades, Registos de Marcas e Patentes e todos os assuntos das empresas.

Do 5 de Outubro ao 25 de Abril

(Conclusão da 1.ª página)

esquecer que a Revolução rebentou na noite de 3 para 4, durando todo esse dia e noite, vindo a terminar na manhã do dia 5, com a rendição dos monárquicos, após o que se fez a proclamação oficial da República, nos Paços do Concelho de Lisboa; mas já no próprio dia 4, algumas terras dos arredores da capital, como o Barreiro, Almada e Loures, tinham proclamado o novo regime e hasteado a bandeira vermelha e verde republicana) — como em 25 de Abril de 1974, era a honra do presente, a glória do passado e o futuro de Portugal que urgia defender, que era imperativo salvar. Razões materiais de peso determinaram os homens à acção, é certo; mas um forte ideal, alimentado na convicção do progresso inelutável da Humanidade e na inevitabilidade da mudança política e transformação da sociedade, foi a grande arma da coragem e da tolerância empunhada por esses bravos do sentimento e da acção que tanto em 1910 como em 1974 preferiram fazer florir de rubro-cravo os canos das espingardas a manchar de sangue-vingança as ruas da cidade ou o caqui das fardas. Coragem para vencer, tolerância e complacência para com os vencidos, foram os dois grandes pólos do comportamento heróico, quer dos revolucionários da Rotunda, quer dos Capitães de Abril. É certo que em 1910, em virtude da resistência encontrada pelos republicanos e da intensidade dos combates, houve muito mais mortos e feridos que em 1974... Mas, assinada a rendição dos monárquicos, já o Banco de Portugal e outras instituições públicas eram guardadas por marinheiros e civis armados. E o saneamento-que-não-se-fez permitia que continuassem no activo os oficiais do Exército e da Marinha, bem como os directores-gerais e outros altos funcionários que haviam servido convictamente a monarquia decrépita. Esta tolerância suicida, que muito honrou a quem a praticou, foi, sem dúvida, um dos grandes veículos dos entraves que se levantaram tanto à política da República como à Revolução de Abril.

No entanto podemos hoje afirmar, sem reservas e sem receio, que os dois acontecimentos mais dignificantes da História de Portugal ocorridos neste século XX a um quarto do fim foram precisamente aqueles que os gloriosos republicanos e os heroicos capitães, apoiados pelas massas populares escreveram em 4-5 de Outubro de 1910 e em 25 de Abril de 1974. É certo que muito se perdeu do sonho e do entusiasmo iniciais, quer em relação a um acontecimento, quer em relação ao outro. Mas nunca mais o nosso País voltou (nem voltará) a ser o que era dantes.

Em ambos os casos, muita ilusão e muita ingenuidade presidiram e acompanharam o nascimento e o desenrolar da Revolução. Apenas com uma diferença primordial: o 5 de Outubro foi o resultado lógico, esperado e tido como certo, de uma acção que se desenrolava à luz do dia e no conhecimento de todos, ao longo de uns bons trinta anos — e já com uma tentativa falhada de permeio (o 31 de Janeiro de 1891, no Porto) — ao passo que o 25 de Abril foi uma grande surpresa, um grande e jubiloso alívio, para a maioria dos portugueses.

Na verdade, muito antes da sua implantação, a República, tinha o seu partido, a sua propaganda, os seus jornais, os seus deputados; tinha as suas Câmaras Municipais, as suas Juntas de Freguesia; tinha os seus centros promotores de instrução e solidariedade; tinha os seus doutrinários, os seus poetas, os seus professores, os seus panfletários, nas tribunas, nas escolas, nos convívios... E tudo legal, tudo à luz do dia. Apenas com a desaprovação da nobreza e o terror de algum clero. Mas a sociedade portuguesa já era essencialmente burguesa, graças ao caminho percorrido durante a segunda metade do século XIX. E, para a burguesia nacional, como para aqueles que se deixavam pensar por ela (quer do lado da nobreza, quer do lado do povo) a República era a única salvação da Pátria.

Pelo contrário, o 25 de Abril não tinha configuração real e, o que é mais, não tinha qualquer possibilidade de existência. Os portugueses viviam, há quase meio século, debaixo de uma férrea ditadura que não admitia mudanças, nem consentia semelhante aspiração a ninguém. Os mártires do ideal que conduziu o 25 de Abril são em número infinitamente superior ao dos poucos mártires da ideia republicana. Os Partidos de Abril actuavam na clandestinidade, debaixo de uma feroz perseguição. As pessoas que neles militavam com grande risco, só raramente, e sempre sujeitas à cruel repressão pela violência, tinham ensejo de actuar à luz do dia e de forma legal. Ocorriam essas raras oportunidades por ocasião das falsas eleições que, de tempos a tempos, a honra do convento mandava efectuar, para que não fosse de todo perdida, e as aparências fossem salvas.

Contudo, outras formas de luta, não menos eficazes, eram organizadas e levadas à prática — principalmente pelos operários e camponeses, pelos estudantes e intelectuais, e por vezes, até pelos pescadores e empregados dos serviços. As greves nas fábricas; as jornadas de luta pelas oito horas de trabalho nos campos do Alentejo; as comemorações do 31 de Janeiro, do 1.º de Maio e do 5 de Outubro... E por último, a emigração clandestina dos nossos jovens e deserção dos nossos soldados como forma de protesto contra uma guerra injusta onde apodrecia e morria a juventude portuguesa sem culpa nem interesse no genocídio e subjugação dos povos que lutavam pela sua independência — acabariam por criar as condições necessárias à busca do caminho justo de que Portugal há muito se havia desviado pelas mãos do forreta, do jesuita e do agiota que na ponta das baionetas, tomaram o poder para não mais o largar.

Mas a ombridade dos capitães de Abril e a vontade indómita de um povo ávido de paz e cansado de crimes e de injustiças, acabariam por fazer triunfar o hino de «Grândola Vila Morena» e permitir a magnífica confraternização revolucionária que foi aquele primeiro 1.º de Maio vivido em liberdade, em 1974. Foi tudo tão surpreendente e maravilhoso, que muitos nem queriam acreditar no que os seus olhos viam... Enquanto na frente desses semi-incrédulos se projectavam e davam vida à Revolução, aqueles que toda a vida haviam trazido acordado no peito o sonho e a vontade dum País Novo — que a acção das armas floridas de vermelho e a determinação consciente do Povo, acabavam de conseguir!

Muito se perdeu do sonho inicial que arrancou em 5 de Outubro de 1910. Como já muito se perdeu, também, da esperança de Abril de 1974. Mas os tempos são outros e os pontos de onde se partiu, em ambas as datas, bem como os objectivos alvejados, são muito diferentes.

Após Outubro, os republicanos viram-se, a breve trecho, confrontados com duas espécies de inimigos: de um lado, o incipiente proletariado, aliado ao campesinato assalariado, que haviam apoiado a implantação da República mas não viam quaisquer vantagens nisso; do outro, os monárquicos ferrenhos que, tratados nas palminhas, não perderam tempo, e logo começaram a conspirar, de dentro e de fora do País, para derrubar o novo regime, tramando contra ele, primeiro as invasões, depois as ditaduras, os golpes, as arruaças de toda a ordem, com boicotes, atentados, bombas e crimes dos mais nefandos — até que à terceira ou quarta tentativa de golpe lá conseguiram, pela mão dos republicanos envergonhados (e sem vergonha), repor a nova ordem que, na circunstância, era a que melhor servia aos saudosistas da antiga.

Assim tivemos a primeira tentativa ditatorial do general (monárquico) Pimenta de Castro, em 1915; dois anos depois — aproveitando o descontentamento provocado pela mobilização para a I Grande Guerra — tivemos o primeiro ensaio fascista de Sidónio Pais; em 1921 foi o ano da tristemente célebre «noite sangrenta» de 19 de Outubro, planeada pelos monárquicos reaccionários e executada pelos «esquerdistas» irresponsáveis da altura; seguiu-se, em 1925, uma tentativa falhada de golpe militar organizado pelo que havia de mais reaça no exército; e, finalmente, a sucessão de golpes e contra-golpes, inicialmente encabeçados por Gomes da Costa, e finalizados pelo golpe de Carmona, no seu conjunto conhecidos por «28 de Maio» de 1926 — o qual viria a descambar na «Ditadura Nacional» e no «Estado Novo» de Salazar.

Nada disso, porém, foi suficiente (apesar da gigantesca avalancha de calúnias e falsidades despejadas sobre os republicanos e a sua obra, todavia notável) para inverter a marcha do tempo e repôr as coisas como eram antes do 5 de Outubro. A ditadura que durante 50 anos estrangulou Portugal, se conseguiu a morte aparente da Democracia, não conseguiu, porém, eliminar a República.

Será igualmente impossível (pese embora os atropelos já sofridos e as ilusões desfeitas) fazer, hoje, o tempo voltar para trás e retornar Portugal ao que era em 24 de Abril de 1974. E bem sabem aqueles que mais se encarniçam a criar essa falsa expectativa, que tal aberração não só não é possível, como qualquer tentativa nesse sentido seria imensamente lesiva dos interesses do Povo... Se insistem na sua contumácia é porque desejam desfrutar as consequências do descontentamento que eles próprios provocam.

O «28 de Setembro», o «11 de Março» e o «25 de Novembro» são, relativamente à Revolução de Abril, o que foram o Pimenta de Castro, o Sidónio Pais e o Carmona, em relação à Primeira República. Mas nem as tentativas de agora tiveram as consequências nefastas dos golpes de então, nem a Democracia Portuguesa nascida em 25 de Abril — mas há muito desejada e concebida pelo Povo, e depois alimentada dia a dia por ele — tem a mesma trajectória ou os mesmos objectivos da República burguesa — tão contraditória dentro de si e sempre assolada por dois inimigos opostos: o rei e o proletário.

Hoje, as contradições e os inimigos da Democracia são outros, muito diferentes... Mas basta que aos democratas que detêm o poder por mandato — e em nome — do Povo não lhes dê para sentirem o rei na barriga, nem para julgarem que podem comer, vestir e calçar, sem o contributo dos camponeses e dos operários, para que a Democracia esteja garantida. Será talvez necessário, também, que não esqueçam que, em sucessivas eleições, a maioria esmagadora do povo que trabalha e do povo que pensa em termos de progresso e de futuro exigiu o Socialismo para a nossa Pátria, e que a Constituição da República claramente o consagra e determina.

Ora, neste momento em que o «congelamento» inconstitucional do Socialismo vem servindo de trampolim aos funâmbulos da revisão da Constituição, e em que as forças da direita redobram os seus ataques contra o regime democrático e contra o próprio 25 de Abril — bom seria que a data histórica do 5 de Outubro servisse para lembrar aos democratas de 1973 que será muito perigoso, para Portugal e para a Democracia, correr os mesmos riscos que correram os republicanos de 1910. Pois se há lições que a História nos dê, uma delas é a de que não devemos cometer os mesmos erros, para que não se repitam os mesmos resultados.

Ezequiel Ferreira

Os fazedores da fome, ou como vai, no Algarve, o negócio dos frutos secos

(Conclusão da 1.ª página)

mais variadas qualidades, sabor e valor alimentar.

Sabe-se que para ser apresentado ao público qualquer produto e nas actuais condições de comercialização, tem de passar por várias mãos, todas elas ávidas de dinheiro como nunca.

Se analisarmos em profundidade todo o tempo que é preciso, desde a sementeira, ao longo da safra, vemos que o produtor está em nítida desvantagem com qualquer outro seu competidor.

Se plantar uma árvore, tem de esperar pelo menos cinco anos, para ela lhe dar os primeiros frutos, que não serão a décima parte das suas despesas; se plantou batata, espera seis meses pela colheita, além dos gastos inerentes a todos esses trabalhos e da incerteza quanto a resultados.

A qualquer intermediário, bastam alguns dias, ou horas, para se ver livre da mercadoria, pois só a procura quando sabe ter mercado assegurado, bem como o «seu» ganho, de contrário não a procura, pressionando o pequeno proprietário à sua venda, sempre mais barata e para si mais rendosa.

Para concretizar o que aqui deixamos escrito, sabemos, por exemplo, que o figo seco mercador foi vendido a vinte escudos o quilo, ou ainda menos e nas montras está a 59$80. As nozes, de 80$00 passam a 150$00. E atrás destes, outros frutos não lhes ficam atrás.

Será que 39$80 para transporte, embalagens e comercialização num quilo de figo, não é roubo nacional?

Nós afirmamos que sim; aos fazedores da fome, nós, simplesmente dizemos que o dinheiro não se come. E depois, ou há moral ou comem todos.

Francisco Teodósio Neves

Em Lisboa o Jornal do Algarve, vende-se na Tabacaria Mónaco, no Rossio.

Austrália

3 voos directos por semana, às terças, quintas e sábados.
Consulte o seu Agente de Viagens ou Lufthansa Linhas Aéreas Alemãs.

Lufthansa
Lisboa 2 - Av. da Liberdade, 192-A
Telef. 573852 • Telex 12077

Factos e imagens

(Conclusão da 1.ª página)

Havendo-se dedicado inicialmente ao retrato, voltou-se, não há muito, para um impressionismo onde o observador perspicaz talvez descortine resquícios, ou sugestões, dos mestres contemporâneos franceses ou holandeses, e em que não obstante, revela apreciáveis qualidades. Nos doze óleos que expôs, as duas ou três praias em que o sol, o mar e as rochas se enquadram admiravelmente nos tons «descobertos» pela paleta do artista, são mesmo praias do barlavento algarvio. Por outro lado, há igualmente verdade nos seus «marítimos confraternizando», como no «mendigo» ou no «vendedor de cerâmica», que tanto podem ser algarvios como espanhóis, sem que isso influa na qualidade pictórica.

Nuñez, como o seu colega, é autodidacta e disse-nos cursar presentemente as Belas Artes do seu país, através de livros. Pensa mudar o seu actual estilo para um «realismo simbólico» (realismo acompanhado de objectos que ajudam o simbolismo da imagem), para o qual se sente mais atraído. Interveio em exposições colectivas em Ayamonte, Huelva e Sevilha.

Juan Fernandez Gonzalez, de 27 anos, nasceu em Ayamonte, cidade vizinha e fronteira. Também impressionista e também tentado pelo «realismo simbólico», teve uma exposição individual na Pousada (Parador Nacional de Turismo Cuesta de la Luz), daquela cidade e tomou parte em exposições colectivas em Huelva, Bilbau, Salamanca e Pamplona. As suas «amendoeiras» são genuínas, como verdadeiras são as imagens da «procissão da «Virgen del Rossio» e os recantos do bairro antigo (Villa), de Ayamonte, que também poderiam ser de Olhão ou de outra terra antiga do Algarve, no encontro dos múltiplos aspectos que irmanam as duas regiões.

O exemplo de perseverante continuidade destes artistas que, não tendo podido seguir cursos especializados, descobriram uma vocação e nela, decididos, procuram e conseguem avançar, lembra-nos o de alguns algarvios nossos conhecidos, uns jovens, outros já adultos que também descobriram essa vocação mas que por indecisão ou comodismo vão ingloriamente perdendo qualidades que valeria a pena cultivar, deixando-se ficar pelo caminho.

Após as exposições em Faro, no Hotel Eva e em Albufeira, no Hotel Montechoro, os pintores andaluzes pensam apresentar os seus trabalhos em Lisboa, se entraves de maior se lhes não vierem a opor nesse sentido.

A. A. de Sousa

★ **Os artistas andaluzes no estúdio onde preparam as suas telas.** ★

Estores Persianas

Fazem-se e reparam-se, em alumínio, metálicos, plásticos e verticais. Colocam-se em automóveis. Vendem-se acessórios.

Trata: Gavino B. Simões — Rua D. Francisco Gomes, 37-3.º Esq. — Telef. 69 — Vila Real de Santo António.

Vende-se nos Olhos de Água

Propriedade com cerca de 3 hectares de área. Amplas frentes para as estradas que dão acesso às praias dos Olhos de Água, Falésia e Balaia. Óptima localização, a 1 000m. da costa. Água e electricidade no local.

Contactar na Rua Ataíde de Oliveira n.º 81, 6.º Dt.º — Telef. 27452 — FARO.

João Estêvão

Funerária do Sul, Lda.

Gerência de João Estêvão

Funerais, transladações e artigos religiosos

Rua Paula Vicente 15
Praça Humberto Delgado, 4-A

(Junto ao Mercado das Torcatas)

Telefs. 276 10 45 - 276 11 20 ALMADA

Vende-se

Vivenda com 4 assoalhadas e 400m2 de logradouro dos subúrbios de Olhão. Trata Maria da Silva — sítio de Marim, Estrada Nacional 125 ou telef. 72020, até às 17,30.

J. Pombo Lopes

MÉDICO
ESTOMATOLOGISTA
CIRURGIA ORAL

Consultas com marcação
3.as, 5.as e 6.as das 16 às 19 h.
Rua Reitor Teixeira Guedes, 3-2.º — Telef. 27833 — FARO.

Trespassa-se

Escritório 2.º and. c/ 5 salas na baixa de Faro.
Resp. JORNAL DO ALGARVE ao n.º 2861.

Justificação

Certifico narrativamente para efeito de publicação, que neste Cartório, a cargo da Licenciada Catarina Maria de Sousa Valente, e no livro de notas B-88, de folhas 16v.º a folhas 17v.º se encontra exarada uma escritura de Justificação Notarial, com data de 30 de Agosto transacto, na qual Guiomar Rita Rosado dos Santos, viúva, natural da freguesia de Algoz, concelho de Silves, com residência habitual em Barreiro, Rua Dr. António José de Almeida, 15, r/chão esquerdo, se declara, com exclusão de outrem, dona e legítima possuidora do prédio urbano, sito na Rua Tomé Rodrigues Pincho, no povo e freguesia de Algoz, concelho de Silves, composto de casas térreas com quatro compartimentos e quintal, a confrontar do norte com a Rua Dr. Oliveira Salazar, sul com a Rua Tomé Rodrigues Pincho, nascente com Francisco Martins Correia e do poente com Carolina Rosado Guerreiro. Inscrito na respectiva matriz predial, sob o artigo 1 405.º, com o rendimento colectável de 275$00 e o valor matricial de 3 500$00. Não descrito na Conservatória.

Que possui o referido prédio em nome próprio há mais de trinta anos, sem a menor oposição de quem quer que seja, desde o seu início, posse que sempre exerceu sem interrupção e ostensivamente, com o conhecimento de toda a gente, sendo, por isso, uma posse pacífica, contínua e pública, pelo que adquiriu o prédio por prescrição.

Está conforme.

Cartório Notarial de Lagoa, 7 de Setembro de 1978.

A 2.ª Ajudante,

(a) *Maria José Correia Bravo*

DESPORTO NO ALGARVE

TÉNIS

I TROFÉU LORD BYRON

Está em disputa nos «courts» do Hotel Montechoro, em Albufeira, o torneio de ténis denominado I Troféu Lord Byron, competição organizada pela Escola de Ténis João Lagos e cujos prémios pecuniários atingem a meia centena de contos. Concorrem jogadores de todas as categorias nas modalidades de singulares (masculinos e femininos), pares homens e pares-mistos.

TÉNIS DE MESA

VI GRANDE TORNEIO ABERTO FEIRA DE SANTA IRIA EM FARO

A Associação de Ténis de Mesa de Faro prepara a realização da 6.ª edição do Grande Torneio Aberto Feira de Santa Iria, a disputar na capital algarvia em 21 e 22 deste mês. Trata-se da mais completa manifestação do género realizada no Algarve, prevendo-se a participação de cerca de três centenas de atletas de Portugal e Espanha.

XADREZ

TORNEIO EM TAVIRA

O Clube de Vela de Tavira, por ocasião do seu 3.º aniversário, organizou um torneio aberto de xadrez, efectuado em sistema suíço, a 5 sessões. Participaram 45 jogadores, sendo a classificação final a seguinte: 1.º, Lamy Rocha (Sport Faro e Benfica), 4,5 pontos; 2.º, David Mouzinho (S. F. B.), 4,5; 3.º, Basílio Nunes (Clube de Vela de Tavira), 4; 4.º, António Cavaco (Clube Náutico do Guadiana), 4; 5.º, Jorge Caldeira (C. N. G.), 4; 6.º, Rui Florido (S. F. B.), 4; 7.º, António Martins (C. N. G.), 3,5; 8.º, Idalécio de Sousa (C. V. T.), 3,5.

CAMPEONATO DISTRITAL

Terminou recentemente o III Campeonato Distrital por Equipas, organizado pela Associação de Xadrez de Faro e oficializado pela respectiva Federação, que registou os seguintes resultados: 1.ª jornada: Núcleo de Xadrez de S. B. Messines 0,5 — Sport Faro e Benfica 3,5; Clube Náutico do Guadiana 3 — Clube Desportivo Os Olhanenses 1; 2.ª jornada: S. F. B. 3,5 — C. D. O. 0,5; N. X. S. B. M. 3 — C. N. G. 1; 3.ª jornada: C. N. G. 0,5 — S. B. F. 3,5; C. D. O. 1,5 — N. X. S. B. M. 2,5.

A classificação final foi a seguinte: 1.º, Sport Faro e Benfica, 10,5 pontos; 2.º, Núcleo de Xadrez de S. B. Messines, 6; 3.º, Clube Náutico do Guadiana, 4,5; 4.º, Clube Desportivo Os Olhanenses, 3.

Propriedade Arrenda-se

Sita em S. Marcos da Serra, a menos de 1 Km. da estrada para Lisboa, com terra de regadio, pomar de pessegueiros, pereiras e macieiras com instalações para gado suíno e bovino, 3 poços e uma barragem.

Informa: José Manuel Mesquita — S. Marcos da Serra — Telef. 44132.

Notariado Português

Cartório Notarial do Concelho de Lagos

A CARGO DA NOTÁRIA LICENCIADA EM DIREITO PALMIRA AMARAL SEABRA

Certifico narrativamente para efeitos de publicação que por escritura de vinte de Setembro de mil novecentos e setenta e oito, lavrada neste Cartório e exarada de folhas treze a folhas catorze verso do Livro de notas para escrituras diversas número C-trinta e nove, foi constituída entre Ilda dos Reis Marreiros e Maria Virgínia Marreiros Vaz Brito Gois, ambas casadas, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada que ficará a reger-se pelos artigos seguintes:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a firma «MARREIROS E VAZ, LIMITADA», tem a sua sede e estabelecimento na Rua Cândido dos Reis, número setenta e quatro, nesta cidade de Lagos, freguesia de Santa Maria.

SEGUNDO

A sua duração é por tempo indeterminado e a sua actividade inicia-se a partir de hoje.

TERCEIRO

O seu objecto é o comércio de papelaria e qualquer outro ramo em que a sociedade acorde e seja permitido por lei.

QUARTO

O capital social é de cento e cinquenta mil escudos, integralmente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social, e representado por duas quotas de setenta e cinco mil escudos, uma de cada sócio.

QUINTO

A cessão de quotas no todo ou em parte, entre os sócios, é livre; na cessão de quotas a estranhos, a sociedade em primeiro lugar e os sócios em segundo terão o direito de preferência.

SEXTO

A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, incumbem a ambas as sócias, desde já nomeadas gerentes, com dispensa de caução.

PARÁGRAFO ÚNICO — A sociedade obriga-se validamente com a assinatura de qualquer dos sócios gerentes.

SÉTIMO

É proibido aos gerentes obrigar a sociedade em actos e contratos estranhos ao objecto da sociedade.

OITAVO

Por morte ou interdição de qualquer sócio a sociedade continuará com o sócio sobrevivo ou capaz e com os herdeiros ou representantes do sócio falecido ou interdito, devendo aqueles herdeiros nomear entre si um que a todos represente na sociedade, enquanto a respectiva quota se mantiver indivisa.

NONO

As Assembleias gerais serão convocadas por meio de cartas registadas com antecedência de oito dias pelo menos, desde que a lei não exija outras formalidades.

DÉCIMO

Fica proíbido o uso da firma social em fianças, abonações, letras de favor e em todos os actos e contratos estranhos aos negócios sociais.

Está conforme ao original.

Lagos, vinte e nove de Setembro de mil novecentos e setenta e oito.

A 2.ª ajudante do Cartório Notarial

Luisa Simões Costa

LAGOS e o desporto

PESCA DESPORTIVA

Organizado pelo Sport Lagos e Benfica decorrerá no próximo dia 15 o 6.º concurso de pesca desportiva de mar entre a praia do Barranco e a margem esquerda da ribeira da Carrapateira, nos arredores de Lagos.

A prova será disputada individualmente e por equipas. Deverá ter início às 20 horas do dia 14, terminando às 15 horas do dia 15.

Várias taças e outros prémios estarão em disputa.

VOLEIBOL

Integrado nas comemorações do «Dia da Cidade de Lagos» (27 de Outubro), principiou em 21 de Setembro no pavilhão da Escola Preparatória de Lagos, o I Torneio de Voleibol que conta com o entusiasmo e participação de juventude local (cerca de 100 atletas).

A prova é dividida em duas séries, tendo cada uma a participação de oito equipas. O início dos jogos é às 20,30 horas.

TÉNIS DE MESA

Porque o ténis de mesa foi (e é) uma modalidade que cativa parte da juventude desta localidade, cumpre-nos alertar os dirigentes do C. F. Esperança de Lagos para que reúnam esforços para a expansão desta actividade.

Na época finda, foi criada a secção de ténis de mesa no Esperança de Lagos, que contou com grande entusiasmo de diversos jovens e dirigentes. Contudo, por falta de apoio financeiro e material, assistiu-se a uma diminuição de interesse.

Sabemos entretanto, que grande número de jovens acorrerá com entusiasmo, se lhes for garantido o mínimo de condições: instalações, material e competição.

Apelamos, deste modo, para a boa compreensão dos dirigentes do Esperança (pois foram os únicos que criaram esta modalidade em Lagos), no sentido de se caminhar em frente no que respeita ao ténis, pois embora carecendo do apoio de organismos oficiais e particulares, será uma autêntica demonstração do real valor da colectividade.

O C. D. A. L. E O FUTEBOL

Tiveram início há duas semanas, os treinos de futebol das camadas mais jovens do Grupo Desportivo Amador de Lagos, orientados por um jovem atleta entendido na modalidade.

José Manuel Oliveira

Aniversário da União Desportiva Messinense

Passando hoje três anos sobre a sua fundação, a União Desportiva Messinense, agremiação desportiva, cultural e recreativa de S. Bartolomeu de Messines, comemora o seu terceiro aniversário, com um programa onde se incluem a realização de várias competições nas modalidades de ginástica desportiva, judo, lutas amadoras, xadrez, badminton, atletismo, ténis de mesa, basquetebol, futebol de onze nas categorias de séniores e juvenis e o início do segundo torneio de futebol de cinco.

Além das actividades desportivas realizar-se-á hoje às 22 horas, em S. Bartolomeu de Messines, um espectáculo de música rock com a banda Arte & Ofício do Porto, considerada pela crítica especializada um dos melhores agrupamentos rock portugueses, espectáculo que será repetido amanhã e no domingo em Portimão e Faro, respectivamente.

As receitas, destinam-se à aquisição de um autocarro, a utilizar nas deslocações desportivas da U. D. M., e a todas as realizações culturais e desportivas organizadas pela Casa do Povo de S. B. Messines.

Vende-se diversos

Camião Ford FK 150 de 3 500, Vivenda na Praia do Carvoeiro, Terreno urbanizado com 400 m2 perto Praia do Carvoeiro, Terreno com plano de urbanização aprovado para 108 apartamentos, 5 vivendas e 12 estabelecimentos comerciais, a 300 metros Praia Carvoeiro e diverso material de Fábrica de Conservas.

Informa na Rua Trabucho Alexandre, 12 R/C Dto.,Cardosas — Portimão.

WOLKSWAGEM GOLF LS 1600 VENDE-SE

Estado novo. Trata telf. 62888 — LOULÉ.

TURISMO em notícia

por João Leal

CIRCUITO «BAL D'OR» EM MARSELHA

A convite da Ricard International, deslocaram-se a Marselha a fim de assistirem à competição para motos denominada «Bal d'Or», dos mais importantes certames internacionais, os srs. Agostinho José Gomes de Castro, gerente da firma Costa Pina & Vilaverde, no Algarve e Carlos Marques Courela, chefe de vendas de J. A. Costa Pina, Ld.ª, em Lisboa. É uma distinção para aqueles profissionais o convite da Ricard International. A competição disputou-se no Circuito Paul Ricard, onde recentemente se correu uma prova da Fórmula Um para o Campeonato do Mundo.

NOVO PARQUE DE CAMPISMO NO ALGARVE

Começou a funcionar mais um parque de campismo no Algarve. Localizado a 4 kms de Lagos e à entrada da magnífica praia da Luz, o Parque de Campismo Valverde estende-se por uma área de 6 hectares, dispondo de salas de convívio, restaurante, salas de jogos, churrasqueira, self-service, bar, parque infantil, etc., além de todas as infra-estruturas para a prática do campismo. Em construção encontra-se uma piscina.

GOLFE

Têm suscitado interesse as edições semanais do torneio de golfe «Stableford Casal Mendes», organizado pelo Dom Pedro Hotel, em Vilamoura.As quatro edições daquela competição referentes ao mês de Agosto que registaram uma participação de meia centena de golfistas, tiveram como vencedores J. Newman, A. Marques, J. Harrop e F. Olazatal.

Cartas à Redacção

(Conclusão da última página)

qualquer coisa no campo produzida.

Mas não foi só isto que eu vi na Praia Verde. Mal cheguei à mesma e coloquei sobre a areia as toalhas de banho, preparando-me para abrir a sombrinha, logo um dos nadadores-salvadores, que são pagos por um particular, se abeirou de mim, dizendo-me com ar arrogante: «o senhor não pode pôr aí a sombrinha; é zona de toldos». Fiquei um pouco atrapalhado, porque desde o 25 de Abril de 1974 que não me era feita tal observação, mas entretanto veio-me à memória, na verdade, que essa lei é de antes do 25 de Abril de 1974 e como o «patrão» chegou há pouco tempo, prossegue com as leis como se não tivesse havido o 25 de Abril. O mais chocante para mim foi ver os homens que tinham um letreiro nas costas que dizia «Torralta», alguns deles com ar ameaçador, mas, ao mesmo tempo, homens humildes, a cumprirem ordens de alguém que terá muitas saudades do tempo em que essa lei foi feita.

Não só isso eu vi nessa bela Praia Verde que é fruto da natureza, embora haja alguém que diga que é do construtor, isso não é verdade.

Vi mais, junto a esta mesma praia, uma fossa a céu aberto, em desafio à saúde pública, fossa essa que pertence ao parque de campismo desse particular que se faz dono da praia e certamente dirá que não é dono dessa fossa de águas estagnadas.

Por tudo isto, deixo aqui um alerta a todos os algarvios e (porque não?) a todos os portugueses.

Se percorrermos o nosso litoral algarvio, de Sagres a Vila Real de Santo António, encontramos muitos recantos desta nossa bela terra algarvia onde não podemos aproximar-nos do mar, porque nos tem sido privado esse acesso pelo homem. Podemos dar muitos exemplos, como o Hotel Viking e Cova Redonda, junto a Armação de Pêra, no concelho de Silves. Quem evita que estes descalabros continuem? Serão as entidades competentes? Ou será o povo, vendo-se privado daquilo que a Natureza lhe ofereceu e por isso lhe pertence?

Tunes, 25-9-78

António Oliveira Coelho

Cão vende-se

ALASKAN MALAMUTE — Trata José Amílcar Cabrita — Algoz.

ESMERIL

— Granulado —

CASA CHAVES CAMINHA Av. Rio de Janeiro, 19-B — Lisboa — Tel. 885163.

Justificação

Certifico narrativamente para efeito de publicação, que neste Cartório, a cargo da licenciada Catarina Maria de Sousa Valente, e no livro de notas B-88, de folhas 17 v.º a folhas 19, se encontra exarada uma escritura de Justificação Notarial, com data de 30 de Agosto transacto, na qual Victor Manuel Cabrita Serpa e mulher, Senhorinha Maria Gonçalves Cabrita, casados no regime de comunhão de adquiridos, naturais da freguesia de Messines, concelho de Silves, com residência habitual em Casas Velhas, Algôs, se declaram com exclusão de outrem, donos e legítimos possuidores do prédio urbano, sito na Rua Tomé Rodrigues Pincho, no povo e freguesia de Algôs, concelho de Silves, composto de quatro compartimentos e quintal, a confrontar de norte com a Rua Dr. Oliveira Salazar, sul com Rua Tomé Rodrigues Pincho, nascente com Guimar Rita Rosado dos Santos e poente com Armando Carmo Costa. Inscrito na respectiva matriz sob o artigo 1 406.º, com o rendimento colectável de 162$00 e o valor matricial de 3 240$00. Não descrito na Conservatória do Registo Predial de Silves. Que este prédio o adiquiriu o justificante marido, por compra efectuada em 15 de Dezembro de 1977, a Benigna da Encarnação Fernandes e outros, devidamente identificadas na referida escritura, exarada de folhas 64 do Livro de notas B-79.

Que os aludidos transmitentes, que aqui se dão por identificados, eram na data da transmissão, donos e legítimos possuidores do identificado prédio, com exclusão de outrem, pois o vinham possuindo em nome próprio, há mais de trinta anos, sem a menor oposição de quem quer que fosse, desde o seu início, posse que sempre exerceram sem interrupção e ostensivamente, com conhecimento de toda a gente, sendo por isso, uma posse pacífica, contínua e pública, pelo que adquiriram o prédio por prescrição.

Está conforme o original.

Cartório Notarial de Lagoa, 7 de Setembro de 1978.

A 2.ª Ajudante,

Maria José Correia Bravo

Compramos

Propriedades, uma para turismo, outra para agricultura, na zona de Vila Real e Tavira.

Respostas a ORPAL, LDA., Av. Duque Loulé, 46-3.º E. — LISBOA.

Sócio/a

Que queira investir na construção dum prédio de 3 andares, em Vila Real de Santo António, dão-se todas as informações. Resposta a este jornal ao n.º 2 900.

Trespassa-se

Perfumaria Cristal, bem situada, na Rua 5 de Outubro, 43, em Vila Real de Santo António. Tratar no mesmo local.

Caixa de Previdência e Abono de Família do Distrito de Faro

Rua Infante D. Henrique, n.º 34 — FARO

AVISO

REGIME DE PREVIDÊNCIA DOS TRABALHADORES INDEPENDENTES

Avisam-se os trabalhadores independentes que, nos termos do art.º 10.º da Portaria n.º 115/77, de 9 de Março, deverá ser apresentado *até 31 de Outubro de 1978*, na sede da Caixa ou nas suas delegações administrativas, documento comprovativo dos rendimentos colectados no ano de 1977 para efeito de contribuição industrial ou imposto profissional, tendo em vista a fixação do valor das contribuições mensais a pagar à Previdência a partir de Janeiro do próximo ano civil .

A inobservância do disposto no referido art.º 10.º relativamente às alterações das situações tributárias que determinem aumento da contribuição, implica a aplicação de multa de 500$00 pela primeira infracção e de 1 000$00 pelas seguintes, sem prejuízo da incidência do juro de mora sobre o valor das contribuições em dívida.

Faro, 28 de Setembro de 1978.

A Comissão Administrativa

Câmara Municipal de Lagos

AVISO

«CONCURSO PÚBLICO PARA ADJUDICAÇÃO DA OBRA DE REPARAÇÃO E BENEFICIAÇÃO DO EDIFÍCIO DOS PAÇOS DO CONCELHO»

Torna-se público que se encontra aberto concurso, pelo prazo de vinte dias, contados do dia seguinte ao da publicação deste anúncio no Diário da República, para arrematação da empreitada da obra em epígrafe.

Base de licitação	9 320 013$80
Depósito provisório	233 000$00

Alvará exigido aos concorrentes — I subcategoria da 1.ª categoria — Classe correspondente ao valor da proposta.

O projecto, programa de concurso e caderno de encargos poderão ser consultados, todos os dias úteis, dentro das horas de expediente, nos Serviços Técnicos de Obras desta Câmara Municipal.

A abertura de propostas terá lugar na sala das sessões desta Câmara Municipal, pelas 17 horas do dia da primeira reunião que se realizar a seguir ao termo do prazo fixado neste aviso.

Paços do Concelho de Lagos, 26 de Setembro de 1978.

O Presidente da Câmara,

José Alberto Baptista

JORNAL do ALGARVE

BRISAS do GUADIANA

Não foi votada favoravelmente a admissão de um funcionário a tempo inteiro na secretaria da Junta de Freguesia de Vila Real de Santo António

VOLTOU a reunir, na penúltima quarta-feira, a Assembleia de Freguesia (e não Assembleia Municipal, como por lapso em notícia anterior referimos), de Vila Real de Santo António, para apreciação da eventual admissão de um escriturário-dactilógrafo, a tempo inteiro, para a secretaria da Junta.

Presidiu o sr. Manuel Salvador Val Palma, na qualidade de presidente da Assembleia, estando presente o membro da Junta sr. Joaquim Faustino, o qual referiu que a Junta, face à não admissão do funcionário, deixaria de receber da Câmara um previsto subsídio de 150 contos, que a secretaria não poderia permanecer aberta todo o dia e não apenas de manhã, como agora sucede, perdendo-se também um novo posto de trabalho. Que como compete à Assembleia fiscalizar a acção da Junta, poderia aquela verificar o quantitativo dos documentos que pedira para avaliar até que ponto se tornava necessária a admissão do funcionário em causa.

Pelos membros da mesa foi esclarecido que não estava em causa a verba a receber pelo novo empregado, mas saber se esse novo empregado, a tempo inteiro, faria ou não falta na secretaria da Junta. Feito depois o apuramento da média de documentos emitidos pela Junta em Setembro, verificou-se que era de cerca de cinco atestados por dia, o que, segundo a mesa, composta, além do presidente, pelos srs. Joaquim Gomes Nené e Aurélio do Carmo Bonança, não justificava um novo encargo de mais de cem contos por ano, isto quando no plano de actividades da Junta para 1978 figuram obras que não podem ser realizadas por falta de verba.

Foi ainda referido que quem recebe cargos autárquicos deve cumprir o que quanto aos mesmos se determina e não limitar-se a algumas assinaturas, e também que se tem provado que o sr. Humberto dos Santos Estrela, que na secretaria da Junta trabalha há 35 anos no período das 9 às 12,30, tem podido fazer face às exigências do serviço.

Posto o caso à votação, foi recusada por unanimidade, com 5 votos de membros do P. S., 3 da A. P. U. e 1 do P. S. D., a admissão do funcionário a tempo inteiro.

No final foi lida uma carta do sr. António da Conceição Monchique de Sousa, presidente da Junta de Freguesia desde princípios de 1977, comunicando a sua renúncia aquele cargo.

GINÁSTICA DESPORTIVA DE BOM NÍVEL NO PAVILHÃO VILA-REALENSE

Nos relativamente poucos meses da sua existência, tem o Pavilhão Gimnodesportivo de Vila Real de Santo António podido ser cenário de alguns eventos do maior interesse no campo da ginástica desportiva, tais como exibições de atletas de outros países, com craveira internacional, e dos mais representativos da modalidade no âmbito do nosso País.

Tais realizações devem-se, certamente, um pouco às tradições da vila no sector da ginástica e um pouco, também, ao desejo de que essas tradições se não percam, servindo de estímulo à juventude local no sentido de prosseguir numa actividade em que outros jovens vila-realensese, não há muito, deram brilhantes provas e exemplos.

Sete jovens que serão as representantes do nosso País nos campeonatos mundiais da especialidade a efectuar em Outubro em França, concluíram um estágio de dez dias na Vila Pombalina, o qual viria a culminar, na noite da penúltima terça-feira com a sua apresentação em público, espécie de teste com vista à competição a nível mundial.

Orientadas pelo técnico Satoaki Miyake e pelos professores Esbela da Fonseca e José Esteves e apresentadas pelo vereador João Setúbal, em representação da Câmara Municipal, as ginastas Cláudia Baptista, Helena Silva, Isabel Fernandes (de Vila Real de Santo António), Filomena Palma, Helena Alvarez, Luísa Miranda e Adelina Alvarez, algumas delas talvez futuros grandes nomes no por enquanto restrito panorama da nossa ginástica desportiva, actuaram, como se o fizessem em provas oficiais, em movimentos livres, saltos de cavalo, paralelas e trave olímpica, deixando excelente impressão nas centenas de pessoas que, com o maior interesse, acompanharam os exercícios, prodigalizando-lhes, no final de cada número, muitos e merecidos aplausos. — P.

Novos corpos gerentes

CLUBE DESPORTIVO TAVIRENSE

São os seguintes os novos corpos gerentes para a época de 1978/79 do Clube Desportivo Tavirense:

Assembleia geral — presidente, José Maria das Candeias Batista; vice-presidente, João José Gonçalves do Livramento; secretários, David Gonçalves Sequeira e Liberto Rodolfo Machado Piloto; suplentes, Vítor Manuel Martins Regalo e Gilberto Jorge Palermo de Jesus.

Direcção — presidente, Carlos Alberto Leiria Ambrósio; vice-presidente, Fernando Augusto dos Santos Samúdio; secretários, João Anastácio Severino e Leonardo Sebastião Magro; tesoureiro, Paulo Marcelino dos Santos; suplentes, José Inácio Vera e Sebastião Mendonça Viegas.

Conselho fiscal — presidente, Eduardo Pereira Correia; relator, José Joaquim Branquinho da Silva e vogal, Luís Romão do Carmo Várzea.

Atrasos para o turismo com os telefones no Aeroporto de Faro?

A actividade turística, se é, efectivamente, uma indústria de alto interesse e, ao que apontam vários economistas, vital para a sobrevivência económica do País, nas actuais condições exige também uma estrutura de apoio e de resposta às situações que lhe são colocadas. Todos os dias surgem «casos», e bom seria que ao virem a público eles tivessem, da parte daqueles que, por obrigações profissionais, cívicas ou sociais, devem atendê-los, a solução desejada, a fim de que um turismo efectivamente de qualidade (naquilo que se pode oferecer, entenda-se) fosse apanágio deste País.

Hoje vimos referir o que se passa no Aeroporto de Faro: aos sábados, domingos e feriados, o Posto de Correios apenas funciona a partir das 19 horas. Pergunta-se: e ao longo de todo o dia, onde vão os passageiros fazer os seus telefonemas? Isto porque, face à posição de horários daqueles a quem cumpre a parte das telecomunicações e serviços postais, outros serviços públicos ou particulares se escusam à permissão de utilização de telefones, por vezes demorada e de difícil obtenção, como é o caso das chamadas internacionais. E não se pense que a instalação de um telefone automático, como vimos estar a proceder-se, resolverá o assunto, já que o grande óbice surgirá em relação às ligações internacionais. Se todos os serviços funcionam no Aeroporto, mesmo aos sábados, domingos e feriados (alfândega, meteologia, tráfego, controle aéreeo, Guarda Fiscal, Polícia, etc.), por que razão um que é vital para o público, o dos telefones, apenas é utilizável a partir das 19 horas? — J. L.

Para observar como o dinheiro voa, foi recentemente introduzido nos telefones ingleses o contador Monitel, que vai mostrando o respectivo custo à medida que passa o tempo utilizado na chamada telefónica. O fabricante acha que desta forma se procurará encurtar as chamadas, evitando-se contas telefónicas volumosas.

Basta tocar na tecla correspondente ao lado da base do aparelho para que este comece a funcionar. Logo que o número marcado responde, toca-se na tecla «start» (começo) e o contador começa a marcar a taxa. Quando termina a chamada, preme-se o botão «stop» (parar) e vê-se o custo total, que ficará à vista em qualquer momento, até à chamada seguinte, para o que basta tocar o botão «start».

O Monitel funciona totalmente automático e foi projectado para instalação junto à base do telefone. Está projectado para ajustar-se por si mesmo aos períodos de taxas máximas, normais e económicas, bem como às das chamadas para o estrangeiro. O custo que mostra inclui qualquer imposto vigente, a cargo do assinante. Estas instruções são dadas por meio de um cartão perfurado que se insere no Monitel, numa operação simples e que não é necessário repetir. Se as taxas forem alteradas, muda-se então o cartão, que é de custo módico.

O Monitel liga-se a uma tomada de electricidade e fabrica-se em sete cores.

e´assim

de Deodato Santos

Minguam os dias a olhos vistos. Num destes em que uma ligeira bruma envolvia o cais e os barcos e as pessoas, encontro alguém que me dá agradecimentos. Porquê? Pergunto espantadíssimo. E desconfiado. E ainda mais amedrontado. Ai de mim que lá fiz qualquer coisa que merece agradecimento, e quem alcança agradecimento é mais do que certo também receber coices, e estes astronomicamente bem mais substanciais. Enfim, os cumprimentos eram por ter provocado a publicação neste Jornal do Algarve, *de um «rico texto» assinado por José Alberto Batista.*

— Graças a si, senti-me reconfortado em ler a tão maltratada, tão rebaixada, língua pátria. A língua é, como todas as coisas, dependente do nível moral (mais ainda do que intelectual) de quem a utiliza. Pelo que li, a minha opinião sobre o presidente da nossa Câmara, tornou-se deveras admirativa. Lagos, tem um homem de nível que pode ajudá-la imenso; pena é que muitos não o queiram compreender, é pena não ter nas freguesias — e são todos do mesmo partido — homens igualmente abertos, que, em vez de erguerem barreiras, o apoiassem nos seus esforços para a democracia.

— Isso que me diz acerca da política local é uma opinião pessoal?

— De maneira nenhuma, é voz corrente.

— Nunca ouvi, também é verdade que não frequento os meios. Também, apreciei o texto de José Alberto Batista. Tem tantas respostas, que não sei por onde começar. O maior entrave que se me coloca é psicológico. É uma interrogação que não consigo resolver: sendo impossível desligar o homem do cargo, até que ponto posso acreditar na sua sinceridade? E e não é uma questão secundária. Escrever, como outras coisas que faço, é e são feitas autenticamente, totalmente. Porque de nenhuma delas dependo, faço-as por decisão, quando e como me apetece; assumem elas assim a expressão de uma energia que tem de ser exprimida, mais nada. Ausente pois de compromissos e de arranjos, mas não indiferente ao que possa parecer-me justo.

Já que tudo é política, chamemos-lhe politica. Há coisas bem mais importantes: há os dias a minguar a olhos vistos. Há este Verão a secar os figos serôdios e «a chuva pela feira de Aljezur», que não veio estragá-los. Aí vem a melancolia outonal.

Ouvi uma vez um crítico musical falar de Beethoven e de Mozart. Dizia que enquanto este andava em círculos, a música daquele avançava, pletórica. Beethoven, caminhada. Assim o sinto.

Há pois uma fractura entre a paz campestre — de que fala José Alberto Batista, e o seu texto prenhe de agressividade e força. Ou Beethoven é realmente paz e J. A. B. extraiu do gozo da paz o estímulo para o ataque, ou Beethoven é força e inspira força, e portanto a paz do campo não pode ser beethoveana. Sou pela segunda hipótese. Todos os momentos de dureza que tenho conhecido em Barão de São João, quer na luta contra a dureza seleccionadora da natureza (que selecciona os espíritos capazes de fecundá-la, espíritos fortes que procuram uma resistência à sua medida quer na defesa contra a dureza cheia de ódio dos correlegeionários de J. A. B. (a impiedosa lei do mais forte que sempre imperou na nossa sociedade) têm sido suportados com o 4.º andamento da 9.ª Sinfonia, o «Hino à-Fraternidade», assobiado entre dentes, ou ressoando na cabeça. É ele que me levantava os braços e a picareta com que ia partindo as rochas do fundo do poço que me separavam da água, é ele que me imobiliza quando na minha frente a cólera e o ódio se incham de vermelho.

O mesmo já não digo de J. S. Bach. Pensar em Bach é pensar numa catedral, mas igualmente na natureza pacífica, resplandecente, feliz, etérea, como um bom champagne. Talvez a natureza rude de Barão de São João seja Beethoven, mas Sintra já é Bach.

Sintra onde morei muito tempo, e cujos caminhos da serra não posso deixar de calcurrear várias vezes ao ano, sob riscos de saúde. Posso sentir outra coisa que não seja realmente paz, posso aí ouvir outra coisa que não seja Bach (por exemplo as sonatas para flauta e cravo), podia eu escrever qualquer coisa que não fosse pacífico, fraterno?

A ingénua amizade pessoal que tenho a J. A. B. levar-me-ia a dizer-lhe para não deixar que os seus pensamentos contaminem pela agressividade, a paz dos campos que devia ser para contemplação ou para gozo do Universo (ele diria Deus). E ainda para reservar o seu equilíbrio. Quanto ao resto, não lhe posso responder ainda, estive em Sintra há muito pouco tempo e mais esta melancolia outonal, impedem-me de tudo que não seja o respeito pela paz ilusória da Via Láctea, a nossa galáxia com os seus 135 biliões de estrelas, num abismo em combustão.

Quando achar ter chegado a ocasião, basta-me ir assistir a uma reunião da Assembleia Municipal, e ficarei logo estimulado.

«FREE-SHOP» NO AEROPORTO DE FARO

A INEXISTÊNCIA de uma «free-shop» no Aeroporto de Faro constitui sem dúvida uma das muitas lacunas daquela porta do Algarve e do País aberta ao Mundo e ponto fundamental da sua actividade turística. Foi o aeroporto uma luta travada durante décadas, que tornou irreversível a operação turística na região sulina. E o aeroporto continua sendo, pesem embora as suas múltiplas carências elemento vital para esta «indústria sem chaminés». Uma das faltas grandes é a inexistência da referida «free-shop», a tal loja que em qualquer aerogare atrai dinheiro e onde o viajante pode comprar em condições especiais. Aqui, como noutros casos, a nova acção turística peca exactamente pela não concretização de um dos seus objectivos primordiais: a obtenção do maior número possível de divisas.

Parece-nos que o assunto se encaminha para vias de solução e podemos adiantar em primeira mão que se prevê para Abril de 1979, no início da próxima estação alta, a abertura do «free-shop» no Aeroporto Internacional de Faro, a instalar no actual terraço dos passageiros de voos internacionais, para o que vão ser feitas as competentes obras. *João Leal*

4.º Salão de Arte Fotográfica promovido pelo Racal Clube de Silves

COMEÇARAM a chegar ao Racal Clube, que organiza, mais uma vez, o Salão de Arte Fotográfica (o 2.º Internacional do Algarve), as primeiras provas concorrentes.

Enquanto continuam a ser distribuídos os regulamentos (que podem ser solicitados directamente ao Racal Clube — Silves) e os boletins de inscrição, a organização tem posto um especial cuidado na sua entrega nos postos fronteiriços e no envio para os Centros de Turismo, e isto porque há também a possibilidade de ganhar um prémio aliciante quem concorrer ao «Fotografe as suas Férias no Algarve»: estadia durante uma semana para duas pessoas.

O Salão tem o patrocínio internacional da FIAP, e conta também com os apoios internos da Direcção-Geral de Turismo, Comissão Regional de Turismo do Algarve, Secretaria de Estado da Cultura, Câmara Municipal de Silves e Touring Club de Portugal.

O prazo de envio dos trabalhos termina eme 31 deste mês.

Bar Santo António

Trespassa-se por motivo do proprietário não poder estar à frente do negócio.

Informa o mesmo por telef. 257 — em Vila Real de Santo António.

Jogos Florais do Algarve-78

A SEGUIR ao lançamento dos Jogos Florais do Algarve, em 2 de Setembro, começaram a chegar ao Racal Clube, em Silves, os pedidos de regulamentos, tudo indicando que o certame vai ser uma repetição do êxito dos anos anteriores.

Uma das modalidades mais difíceis é a Reportagem sobre o Algarve, e o Racal Clube esclarece que, tratando-se de algo directamente ligado ao jornalismo, aceita o envio de reportagens publicadas durante o ano de 1978 (e até 15 de Novembro, data do encerramento da recepção dos trabalhos), não sendo necessário que os concorrentes desta modalidade (e só desta!) enviem os seus trabalhos dactilografados, bastando sim que sejam remetidos 4 exemplares da reportagem, recortada na revista ou jornal onde veio inserida.

CARTAS à Redacção

Gesto altruísta depois de uma tragédia na Praia da Rocha

Portimão, 24 de Setembro de 1978

Sr. director,

Na madrugada de 14 de Setembro, devido a incêndio, ficou na totalidade reduzido a cinza, o restaurante denominado «Bar dos Castelos», o qual se situava na Praia da Rocha, ao nível desta, junto da zona conhecida por «Buraco da Avó».

À hora habitual de frequência da praia, muitas pessoas se juntaram no local onde tal ocorreu e, devido ao aspecto triste com que tudo aquilo ficou e ainda à desolação de alguns membros da família proprietária do dito restaurante que se encontravam presentes, o comentário triste era comum.

Movidos pela tristeza e pela vontade de fazer algo de útil a favor do seu semelhante, formou-se um grupo de pessoas, no qual se encontrava uma menina de 12 anos, de nome Ana Isabel (de Loures), o qual acompanhado do cabo-do-mar, sr. Coelho, tomou a iniciativa de fazer um peditório na dita praia, a favor da família atingida.

Posta em prática, a acção deste grupo foi flagrantemente apoiada por todas as pessoas a quem o auxílio foi solicitado e, com a boa vontade aliada a um verdadeiro espírito humano, foi atingido o objectivo pretendido e assim melhorada, embora ligeiramente, a precária situação das vítimas de tal acidente.

Apreciada esta acção, conclui que o gesto praticado pelo dito grupo e por todos os contribuintes, merece um louvor muito grande, dado o seu alto significado.

Dentro do mesmo gesto considero a colaboração dada pelo cabo-do-mar, que, na qualidade de autoridade marítima, deu total satisfação ao que lhe foi solicitado.

Mas, para além de tudo o que já disse, há ainda uma bela acção levada a efeito por uma menina com tão pouca idade, da qual volto a repetir o nome, Ana Isabel, que, falando inglês e francês, colaborou com o citado grupo, contactando com os turistas estrangeiros, a quem solicitava o auxílio pretendido e estes, sabendo da sua intenção, corresponderam da melhor maneira.

Que extraordinário exemplo de amizade pelo seu semelhante, deu esta criança!

Ana Isabel, procede sempre assim, que a sociedade que ajudas a constituir receber-te-á sempre de braços abertos.

Um grande abraço.

António Filipe Nobre

(Baixa da Banheira)

A «Sorte Grande»

4 491-9 000 CONTOS

e o 2.º Prémio

21 856-1 800 CONTOS

foram vendidos a semana finda aos BALCÕES da

Casa da Sorte

Que esperanças quanto ao turismo?

O que se fará mais em nome do turismo? Isto a propósito do que se vê neste nosso Algarve, esta terra bem portuguesa, em que uma minoria de portugueses, junto com alguns estrangeiros, privam a maioria dos portugueses daquilo a que sempre tiveram direito.

Barram-lhes o acesso à orla marítima e, em alguns casos, às próprias praias, construindo grandes hotéis de luxo e aldeias turísticas. Que estes empreendimentos fazem falta não nos restam dúvidas, mas o pior é o abuso; é que as empresas que se aproveitam do turismo, ignorando os seus deveres e os direitos dos outros, circundam esses empreendimentos com paredes ou, em princípio, apenas com redes, até mesmo junto à areia, não deixando sequer um palmo de terreno por onde o povo possa passar junto à praia e ao mar que também lhe pertence. E alguns até privam os camponeses de venderem os artigos que, com a força do seu trabalho, fazem a terra produzir.

Não é por acaso que digo isto, pois vi na época passada, isto é, em 1977, junto ao parque de campismo da Praia Verde, vender lindas uvas, figos, ameixas, pêssegos, etc. e assisti ao entusiasmo com que os utentes desse parque se deliciavam com tal fruta, produto de um trabalho árduo.

Neste ano de 1978, foi com espanto e ao mesmo tempo com tristeza que, ao entrar nesse bocado de terra portuguesa, vi por todo o lado dísticos onde se lia, só em português, «proibida a venda ambulante». Certamente por isso e porque os camponeses são humildes e obedientes, nem sequer uma única pessoa se encontrava a vender

(Conclui na 5.ª página)

DOCES REGIONAIS DO ALGARVE: O melhor sortido encontram V. Ex.as na CASA AMÉLIA TAQUELIM GONÇALVES (CASA DOS DOCES REGIONAIS), Rua das Portas de Portugal, 27 — Telefone 6 28 82 — Lagos — Remessas para todo o País